

XVI

«Estou convencido que não deve ser o parlamento lica onde em estéril torneio de palavras se florem lanças, saldo académico onde os períodos se arredondem pomposamente; ali, onde se discutem os destinos de uma nação, é, mais do que em outra qualquer parte, insuportável a eloquência palavrosa.»

(M. Pinheiro Chagas)

Perguntou alguém em que se parecia um discurso do Sr. J. C. Vieira de Castro com uma igreja. A resposta era fácil: em ter muitas imagens.

Mas que tais são as imagens do juvenil orador? Há quem assevere que toda a sua *beleza* está na extravagância inteligível do palavreado.

Sobre a *Biografia de Camilo Castelo Branco* escreveu o Sr. M. Pinheiro Chagas:

«Nunca um livro tão estranho vira luz pública em Portugal. Revelava-se um talento, é verdade, mas um talento logo de começo transviado, empolado, declamatório, substituindo a energia pela brutalidade, a ironia feita pelo motejo pesado, iludindo-se em tudo com o falso brilho, tomando sempre a nuvem por Juno, a declamação pela eloquência, os retóricos pelos oradores, Gôngora por Shakespeare, Vacquerie por Vitor Hugo.»

Sobre o mesmo livro escreveu o Sr. J. D. Ramalho Ortigão:

«Não te esconderei, meu caro Vieira de Castro, que, no decurso de uma só leitura que pude fazer da biografia (de Camilo Castelo Branco) me pareceu que um estilo mais parcimonioso, ornamentando menos, molduraria melhor a ideia, assim como reparei também que o emprego de alguns aticismos poderia ter sido sopesado e mais bem cabido. O desperdício de erudição por boa e sã que ela seja é sempre um vício.»

E o Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos escreveu:

«O Sr. Vieira de Castro afecta às vezes demasiadamente o estilo. Arrevesa-o para lhe dar sabor clássico, vai pelos montes e vales da exageração até a gente o perder de vista.»

A respeito da oratória do Sr. Vieira de Castro, ouçamos a opinião do Sr. M. Pinheiro Chagas:

«Por ora (1 de Setembro de 1865) não encontro no Sr. Vieira de Castro *nem o germen sequer de um orador parlamentar*. O juvenil orador, depois dos seus discursos, *que nada esclarecem, que a ninguém convencem, que a ninguém arrastam*, há-de sempre ouvir a voz da sua consciência que lhe segredará de manso: *Bavard!*

«Não conheço posição mais desastrosa do que a de um orador que está dizendo sem conseguir desfranzir os lábios dos ouvintes; pois o Sr. Vieira de Castro coloca-se frequentemente nessa posição! Os seus discursos são intermédios, quando não são *entre-meses!*»

As autoridades do Sr. Pinheiro Chagas e Teixeira de Vasconcelos são insuspeitas para Tibur.

Não nos demoraremos sobre a ausência de conhecimento da história contemporânea que se nota no discurso do Sr. Vieira de Castro, na sessão de 20 de Novembro de 1865. O Sr. C. F. tratou admiravelmente essa questão, no opúsculo intitulado *Lorde Palmerston, a opinião e os factos*.

A todos os defeitos notados pelos escritores citados, acresce ao Sr. Vieira de Castro o seu imenso orgulho, orgulho que às vezes o torna soberanamente ridículo.

Ouçamo-lo:

«Eu fui expulso da Universidade, *depois de a obrigar a aceitar da minha mão o talento colossal de Augusto Barjona.*»

Ouçamos mais:

«*Da minha semente andam já colhidos pela pátria ubérrimos e abundantíssimos frutos.*»

E o famoso discurso dirigido a El-Rei o Senhor D. Luís I?

Vejamo-lo:

«Os filhos da Universidade, *ao tactearem nesta hora com a mão o solo do seu país, sentem lá dentro do coração de todo ele a febre vertiginosa do entusiasmo! Tremulam as bandeiras por sobre as dos castelos, ballam os galhardetes nos postos das esquadras.*»

Admirável! Sublime! O pior é não haver castelos em Coimbra, e não se poderem avistar dali, nem com um óculo, as *esquadras*. O Mondego humilde contenta-se com os barquinhos navegando à vara, e a respeito de *esquadras* não soube jamais o que isso

era. Este discurso do Sr. Vieira de Castro fez-nos lembrar aquele verso de um poeta contemporâneo:

Ao bom senso a razão fez crua guerra.

Paul Louis Courier escreveu: «*Dieu, librez-nous du malin et du langage figuré. Jesus, mon sauveur, sauvez-nous de la métaphore.*» O distinto panfletário, quando escreveu estas palavras, acabava necessariamente de ler algum escrito parecido com os do Sr. J. C. Vieira de Castro.

Nós morremos convencidos de que o Sr. V. de Castro não é o que se chama um orador. É que nós temos o *mau gosto* e o mau sentido de seguir a opinião de Cícero: *quid est eloquentia, nisi continuus animae motus?*

Satã



5 DE MARÇO (?) DE 1866 — Esta carta, que no manuscrito apparece com a data de 5-2-66, parece, como faz notar João Costa, resposta à epístola de Castilho datada de 3 de Março. Deve pois tratar-se de um outro engano.

Meu prezado Amigo:

(...)

Dos teutónicos sei que o Antero passa hoje por aqui de caminho para Vila Real, onde vai passar temporada com meu sobrinho, árcade também.

Se eu melhorar, brevemente irei abraçar o meu querido Castilho.

(...)

Am.º m.º do íntimo d'alma

Camilo C. B.

Porto, 5-2-66.



7 DE MARÇO DE 1866 — Resposta de Castilho. Refere-se ao folheto *Bom Senso e Bom Gosto. Análise Crítica, rápida, despresticiosa feita ao folheto intitulado Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*, assinado por *Sacristão de uma Ermida*, e resposta ao folheto de *Ermida do Chiado* (Osório de Vasconcelos).

Meu caro Camilo:

Obrigado pela sua cartinha. (...)

Recebeu V. Ex.^a as 10 cartas de meu irmão reimpressas aqui em 2 folhetos que eu lhe enviei pelo correio?

Saiu uma resposta ao *Eremita do Chiado*; também se não sabe de quem é. A teima na anonimia é uma das canalhices mais características da nossa depravação actual.

Oigo que se publicou também aí, mas ainda cá não chegou, um folheto contra o *Poema da Mocidade*; não se lhe nomeia o autor. Tem notícias dele V. Ex.^a? [1]

Os Coimbrões parecem estar acuados. Já se lhes não ouve a mínima pouca-vergonha. Entretanto nunca fiando; as raposas açoitadas fingem-se às vezes mortas.

O infame do Teófilo sobretudo não me parece muito susceptível nem de contrição nem de atrição; aquillo é figadalmente mau.

(...)

De V. Ex.^a

o mesmo q. sempre e para sempre

A. F. C.

Lisboa, 7 de Março de 1866.



? DE MARÇO DE 1866 — Esta carta, que não tem data, deve ser, pelas respostas nela contidas, posterior à de Castilho datada de 7 de Março. Nela Camilo louva as *Cartas* do Conselheiro José Feliciano de Castilho e o folheto de Eduardo Vidal. O tom da correspondência torna-se cada vez mais cordial.

Meu querido amigo:

Recebi as 10 cartas do Ex.^{mo} José Feliciano. Magnificas! A 1.^a e 2.^a da 2.^a série fizeram-me rir até à tosse de esgana. Aquela ladainha é cómica a mais não poder. Este folheto do Vidal, que V. Ex.^a me enviou, está brilhantemente pensado e

[1] Talvez se trate do capítulo do livro de Urbano Loureiro, *Perfis Burlescos*, capítulo esse — «Literatura Liliputiana» — que constitui a 41.^a Peça deste volume, pp. 31-75.

bizarramente escrito. Está-se fazendo esse moço um dos melhores entre os primeiros escritores. Pouca gente gasta tanta consciência e reflexão em coisas de letras.

Contra o *Poema da Mocidade* não sei qual seja o folheto aqui publicado. Eu já não compro, nem procuro, nem espero que daqui rebente cogumelo que não seja peçonhento. Dos malandrins tudescos não espere V. Ex.^a mais nada.

(...)

De V. Ex.^a
amiciíssimo deveras

Camilo Cast.^o Br.^o

★

9 DE MARÇO DE 1866 — Nesta nova crónica o jornalista de *O Português* continua a analisar ásperamente o opúsculo de Júlio de Castilho.

A LITERATURA EM BARULHO

XVII

«A pátria cedo ou tarde faz justiça ao verdadeiro merecimento; cedo ou tarde é grata aos serviços de seus filhos beneméritos.»

(Dr. Francisco António Rodrigues
de Azevedo)

Se as obras do Sr. A. F. de Castilho merecem a imortalidade, a posteridade há-de saber fazer-lhe justiça. A pátria, mais tarde ou mais cedo, sabe fazer justiça às grandes produções e aos escritores de espírito superior.

Descanse o Sr. Júlio de Castilho que, se as apreciações do Sr. Antero de Quental, acerca das obras em prosa e em verso do seu ilustre pai, são de todo injustas, não hão-de conseguir que a posteridade deixe de aquilatar devidamente os escritos do mestre de Tibur.

A p. 13 do opúsculo do Sr. Júlio de Castilho censura-se o Sr. Quental, por ele se dar ares de Pelletan. De acordo. Mas, se Antero de Quental não é Pelletan, tenhamos todos também o bom senso de nos convencermos de que o Sr. Júlio de Castilho também caiu numa grande *inocência*, querendo dar ao Sr. A. F.

de Castilho as honras de Lamartine portuguez! Não se é Lamartine apenas *imitando* e *traduzindo*; apenas inventando *métodos* condenados pelo país; apenas escrevendo bocadinhos de história, e querendo dar vida a *patranhas* como a do *Milagre de Ourique*; apenas dando regras sobre metrificacão.

Uma autoridade, hoje insuspeita para Tibur, o Sr. José Cardoso Vieira de Castro, disse, a respeito dos que escrevem métodos, o seguinte:

«Um homem que passa a vida a escrever *métodos* será muito boa pessoa, mas tem o seu horizonte fechado num diploma de camarista.»

E, com relação às regras, escreveu o mesmo Sr. V. de Castro:

«A infalibilidade das regras é o *sambenito dos espiritos ras-teiros e mediocres.*»

E não se esqueceu Vieira de Castro de falar dos tradutores e imitadores, dizendo:

«Milton era dos tais que se riam muito destes sábios de escabeche que só vivem à *sombra*. A prova está na bulha que fez em todos os países uma pasmosa aluvião de *tradutores e imitadores*, que se afrontaram com ele.»

O Sr. A. F. de Castilho apresentou, como facto histórico e verdadeiro, o da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques. Que admiração pode isto causar se, em pleno século XIX, o Sr. Castilho sustenta a necessidade das *fraldas*?! Foi S. Ex.^a que escreveu as linhas seguintes:

«O monaquismo tem ainda hoje em seu favor o argumento de que não só tem durado mais do que nenhuma outra instituição, e existe ainda largamente em muita parte do orbe civilizado, mas, naquelas mesmas donde *presumiram* havê-lo extirpado, começa a renascer como já outras vezes lhe sucedera. Se nas universidades são ensinadas a moral e as leis, porque se afastaria o convento *que as ensina pela prática*? Se ao erro e à impiedade existe franca a imprensa, e a conversação, *porque se tolheria uma gota de bálsamo, onde tão ampla chaga está crescendo*? Oh, quando chegará esse dia *tão de bênção* para os interesses morais e religiosos como para os interesses fisicos e terrenos?»

Notemos apenas que o Sr. Júlio Castilho chama a seu pai *leão gigante, Dante, Lamartine, Napoleão e Vitor Hugo!* Talvez isso fosse lembrança por aniversário de anos. E o que foi!

Diz o Sr. Júlio de Castilho que seu pai é um *democrata de convicções profundas*. E mais abaixo, na mesma p. 17, para demonstrar essa verdade, informa o leitor de que o Sr. A. F. de Castilho se estreou, como poeta, fazendo elogios à realeza, pelo que mereceu *altíssimos valores* do padre José Agostinho de Macedo! Se os democratas de *convicções profundas* se estreiam fazendo zumbaias à realeza, como se estreiarão os aristocratas e os monarquistas?

Os poetas de convicções democráticas profundas costumam estreiar-se pelos hinos à liberdade. Perguntau como se estreou Garrett, o *divino Garrett*, como lhe chamou Camilo Castelo Branco.

No opúsculo do Sr. Júlio de Castilho, da p. 27 a 30, deparamos com uma longa lista de nomes. Julgámos que aquillo viria a propósito do *método repentino*, e que seria para as *criancinhas*, mas não senhor. Era a relação das pessoas que reconhecem o papado literário do Sr. Castilho!

Aqui, dê-nos o leitor licença de lhe apresentar as

*Verdadeiras columnas sobre que assenta
a verdadeira glória literária
do Sr. António Feliciano de Castilho*

António da Silva Túllo
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio
Ernesto Blester
Jacinto de Freitas Oliveira
Manuel Maria Portela
José Maria da Ponte e Horta
Cláudio José Nunes
Júlio César Machado
Júlio Caldas Aulete
Miguel Osório Cabral
Francisco de Sena Fernandes
Visconde de Lagoaça
João Félix Pereira
Marquês de Valade
António Maria de Fontes Pereira de Melo
João Caetano dos Santos

Extraímos estes dezasseis nomes da lista dos *sábios nacionais e estrangeiros* que apresenta o Sr. Júlio de Castilho, para justificar a realeza literária do Sr. A. F. de Castilho.



José Feliciano de Castilho

O Sr. Jacinto de Freitas Oliveira será sabio, mas parece que, como entusiasta do Sr. Castilho, não pode ser apontado. Quando o papa de Tibur representou aquella *cena da não preparação*, no funeral de José Estêvão, escreveu o Sr. Freitas de Oliveira:

«O Sr. Castilho, que todos esperavam que recitasse uma oração, por isso que se colocou em uma posição em que se indicava ter desejos de falar, declarou que não estava preparado!»

Este ponto de admiração dizia tudo!

No final do folheto do Sr. Júlio de Castilho temos um verdadeiro *sermão de lágrimas* por causa da *negra ingratidão* dos distribuidores de mercês, que se têm esquecido do Sr. A. F. de Castilho, a ponto de lhe não darem, nem a carta de conselho, nem sequer a grã-cruz de Sant'Iago! Achamos deliciosa a *choradeira*, principalmente com as citações do padre António Vieira.

Manuel Borges Carneiro já em 1820 escrevia o seguinte:

«Que homem são fará hoje caso de insígnias que pendem no peito assim do homem benemérito como do peralvilho? Que tanto são prémios de merecimento, como prémios de torpezas e flagícios?»

Mas em Tibur chora-se pelas fitas e condecorações, apesar de o Sr. Camilo Castelo Branco já ter averiguado e anunciado que Bernardim Ribeiro nunca foi condecorado da Ordem de Cristo nem de nenhuma Ordem.

Mas o Sr. A. R. Saraiva não quer o Sr. A. F. de Castilho desgostoso por falta de mercês e já deu uma idela a esse respeito. Ouçamo-lo:

*Senhor barão Castilho, estou às suas!
Hás-de me ser barão, tem paciência
(Podem-se com barões calçar as ruas),*

*Deixa em teu baronado que inda insista
Quero ver-te barão, torno a dizê-lo
Quem há hoje que a título resista?*

*Quer tu queiras quer não, há-de roê-lo:
Tempo em que mesmo os cães disso fugiam
Já muito atrás lá fica no Mindelo.*

*Barão te quero, pois, sem demora;
Tu vales mais que muitos
Muitos até por quem Angola chora.*

*Porque não há-de o vosso rei menino
Nesses lombos fincar-te um baronato
Embora sejas magro e pequenino?*

Satan



14 DE MARÇO DE 1866 — Novo folhetim de João Félix Rodrigues. Analisa agora as *Teocracias Literárias* de Teófilo, a que se mostra favorável; censura a intervenção de Rui Porto-Carrero, e refere-se ainda em termos chistosos ao folhetim de A. A. Teixeira de Vasconcelos.

A LITERATURA EM BARULHO

XVIII

«La marée monte, monte...»

(M. Thiers)

Após o grito da revolta levantado pelo Sr. Antero de Quental contra a tirania e a infalibilidade de Tibur, o número dos revoltosos cresceu. Depois de Antero, Elmano; em seguida a Elmano, Teófilo Braga. As provocações e os epigramas do Sr. A. F. de Castilho, necessária, precisamente, produziriam desgosto para S. Ex.^a. O sofrimento teve limites, e sabe Deus até que ponto chegará o negócio. O caso é que os nossos literatos estão divididos, e que reina verdadeiro barulho na literatura. O Sr. Castilho esqueceu-se na crítica literária do *Poema da Mocidade* do Sr. Pinheiro Chagas, quando se dirigia aos Srs. Teófilo Braga e Antero de Quental, daquele conselho de Madame de Lambert: *«La rallierie est comme le sel, qu'il ne faut employer qu'avec precaution.»* E olvidou também o mestre aquelas suas palavras: «Ainda que a altivez natural nos vede confessarmos que as malignidades alheias nos doem, a verdade é que elas fazem pior que doer: minam e matam.»

Teófilo Braga entrou na questão, publicando um opúsculo intitulado *As Teocracias Literárias*, no qual sustenta que a individualidade, resultado dos progressos deste género, vai tornando impossíveis todas as soberanias, tanto na religião como no Estado,

como na arte; que as realzas literárias foram as primeiras que acabaram, porque se compreendeu, de pronto, que não era o modelo académico, mas o sentimento puro, que nos havia de elevar à perfeição, dar-nos a percepção imediata das formas que traduzem o belo na vida; que o Sr. A. F. de Castilho ensina uma rotina arcádica, palavrosa, nula de ideias, de sentimentos falsos, que já se nota na mocidade que o admira; que o Sr. Castilho não é bom Homero, mas dormita sempre embalado ao canto das cigarras debaixo da olaia, e não sabe o que é o homem, nem procura saber a razão do movimento da sua época; que nenhum dos livros do Sr. Castilho vai à posteridade, porque a posteridade, sempre impassível, aceita somente o que *exerceu uma influência sobre uma época*.

Parece-nos que há verdade nas asserções do Sr. Teófilo Braga. A verdade, porém, nesta época, ofende os ouvidos castos da nossa *literatura amena*. Tocar na *arca santa* de Tibur é coisa séria e grave, bem o sabemos. Nós, porém, vamos tomando a liberdade de avaliar imparcialmente as coisas, como elas nos parecem devam sê-lo. Não estamos dispostos a guardar outras conveniências, a não serem as da decência e da boa sociedade. Nem nos deixaremos arrastar por simpatias interesseiras, nem por ódios acirrados e injustos. Sobranceiros a tudo isso, podemos avaliar as coisas como elas realmente são ou nos parecem ser. Não temos a estulta pretensão de ser infalível. Na humanidade tudo é infalível (*sic*).

Conhecemos o mundo e as misérias que o cercam. Temos visto a sociedade, essa odalisca presunçosa e altiva de si e dos acontecimentos que em redor dela se passam, sorrir de tudo, desdenhar até das agradáveis impressões do desvalido da fortuna que se conserva fiel às crenças da pátria, da liberdade, e da probidade! Sabemos que existe por aí um mundo de protestos fermentidos de calculistas e de ambiciosos.

Conhecemos essa sociedade hipócrita, que condena a um eterno desprezo a mulher que a fôr ou um sentimento nobre arrastou por fim, de precipício em precipício, até mendigar o óbolo infamante da prostituição. Sabemos que essa mesma sociedade, estampando na fronte dessa mulher um ferrete ignominioso, é também a mesma que não se indigna de considerar e respeitar a mulher de fortuna que se rebaixa até prostituição, mas que se sabe elevar e fazer considerar, graças à sua posição social e ao seu oiro.

Conhecemos essa sociedade que parece não condenar a prostituição, mas sim a miséria e a fome. É bastante moral, uma tal sociedade! A quebra dos deveres, da parte da mulher do povo, é um crime; a da mulher nobre e rica é uma falta apenas! É uma falta que não obsta a que a mulher, sempre cónsua dos seus deveres, sempre constante no seu cumprimento, concorra com ela na sociedade, e até lhe dê o doce nome de amiga!

Tudo isto nos leva a crer não ser ainda neste século que o progresso substituirá pelas aspirações nobres e grandiosas a aridez do cepticismo e a torpeza do cálculo.

Desculpem-nos a digressão e continuemos.

Depois do opúsculo do Sr. Teófilo Braga, publicou-se um folheto do Sr. Rui de Porto-Carrero. Lemos e admirámos. Não merece gastar tempo com semelhante escrito. A respeito dele citamos apenas as seguintes palavras do barão de Holbach:

«Beaucoup d'hommes, par leur conduite, donnent si peu de signes d'intelligence et de raison que leurs facultés intellectuelles semblent fort au-dessous de ce qu'on nomme l'instinct des bêtes».

Como o barulho entre a literatura ia aumentando, e já se anunciava a próxima publicação do segundo opúsculo do Sr. Antero de Quental, e o papa de Tibur se queixava, saiu a campo o Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos, com um famoso folhetim na *Gazeta de Portugal*, pregando a paz. Ninguém atendeu a voz de conciliação, ninguém se calou aos rogos do *Prato d'Arroz Doce*, e das *Viagens na Terra Alheia*. Os contendores continuaram inflamados na peleja, e não prestaram ouvidos benévolos à voz do ilustre pacificador.

Não era ainda tempo de pôr termo à luta. Era preciso que Tibur continuasse a expiar a sua falta de consciência nas críticas literárias, aonde campeiam os elogios exagerados ao talento e à falta dele, ao saber e à ignorância, ao préstimo e à inutilidade.

Maravilharam-nos os elogios póstumos do Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos ao Sr. Pinheiro Chagas. Os escritos deste manco, tão distinto na nossa literatura, desagradaram ao Sr. Teixeira de Vasconcelos a ponto de obstar à sua publicação na *Gazeta de Portugal*. A liberdade de opiniões não é muito respeitada pelo Sr. Vasconcelos. A prova está em que o Sr. Pinheiro Chagas descalu das suas boas graças quando, com razão e justiça, escreveu as seguintes linhas:

«Os caturras! *Les Ganaches!* Como nos vamos rir! Como o látego do juvenil Aristófanes (Victorien Sardou, autor da comédia *Les Ganaches*) vai estalar os ares e fustigar Napoleão III, esse *caturra imperial*, que em pleno século XIX cerceia as liberdades da França! Que em pleno século XIX sufoca o livre discurso! Que em pleno século XIX repete mansinho no seu gabinete das Tulherias, a frase que Luís XIV dizia, no século XVII, no seu gabinete de Versalhes: *L'État c'est moi.*»

Em Tibur anatematiza-se quem pensa em ideias e filosofias. Na *Gazeta* excomunga-se quem ousa proclamar as liberdades públicas da França. O despotismo é o mesmo, as causas que actuam para ele é que podem ser diferentes, e mais ou menos odiosas.

No folhetim do Sr. Teixeira de Vasconcelos condena-se o estilo dos Srs. Teófilo Braga e Antero de Quental, pelo motivo de não chegarem à compreensão do director da *Gazeta de Portugal!* A isto respondemos com as palavras do Sr. A. Herculano: «Há quem ache mau o que não entende. Boníssimo alvitre. A crítica assim é um pouco fácil. É fácil de calcular: não percebe, logo não é bom.»

Satan



20 DE MARÇO DE 1886 — Outro folhetim da mesma série. Agora trata-se de referir o segundo opúsculo de Antero, *A Dignidade das Letras e as Literaturas Officiaes*, a carta de Castilho em resposta a A. A. Teixeira de Vasconcelos (*Bellum*), a intervenção de Severino de Azevedo, a de A. Osório de Vasconcelos, a de Amaro Mendes Gaveta e Urbano Loureiro. Notar que Félix Rodrigues, ao analisar os folhetos, não respeita a ordem por que foram publicados.

A LITERATURA EM BARULHO

XIX

*«Rien n'est perdu dans ce monde.
Tout se paye».*

(Napoleão I)

O Sr. A. F. de Castilho nunca poupou ninguém aos seus sarcasmos e aos seus epigramas. Serviu-se muitas vezes da pena para escrever verrinas injustas. Pagou agora tudo. O Sr. Antero de Quental foi o instrumento de que a Providência se serviu para castigar o orgulho de Tibur.

O segundo opúsculo do Sr. A. de Quental intitula-se: *A Dignidade das Letras e as Literaturas Officiais*. A parte deste escrito em que se trata das obras do Sr. A. F. de Castilho é uma peça admirável. Revela-se nela a pena de um grande crítico. Muitos dos próprios admiradores do Sr. A. F. de Castilho tiram o chapéu ao Sr. Antero de Quental, e confessam que há na sua crítica coisas irresponsáveis, conquanto haja outras muito contestáveis.

Pode-se duvidar que nas *Cartas d'Eco a Narciso* não há senão a harmonia de frase encobrindo a carência completa de pensamento?

Pode-se duvidar que na *Primavera* se palpa uma carência completa de funda inspiração, saída das entranhas mesmas da Natureza, que é a verdadeira essência da poesia?

Pode-se duvidar que a *Noite do Castelo* não passa de ser um verdadeiro castelo de cartas, e uma verdadeira noite de teatro; e que semelhante género caiu miseravelmente em 1830 em França, enterrado como se enterram ninharias e pieguices — às gargalhadas?

Pode-se duvidar que *O Amor e Melancolia* está abaixo do que se chama bom gosto, e que é uma banalidade?

Pode-se duvidar que os *Quadros Históricos* não passam de um exercício eloquente de declamação?

Já o Sr. A. R. Saraiva, que está adiantado em anos, tinha dito coisas também pouco agradáveis para a *infantildade* de Tibur:

*Nessas Escavações que me enviaste,
Onde se encontram coisas tão bonitas,
Em outras, bem o sabes, que cincaste;*

*Na Epistola (ode phesios), e em coisitas
Por não mirar no espelho as carantonhas,
também disseste as tuas asneiritas.*

Já se vê que não são só os rapazes que duvidam da infalibilidade literária de Tibur.

A critica do Sr. Antero de Quental acerca das obras do Sr. A. F. de Castilho fez esquecer o papa da sua declaração de que não *brigava!* Saiu por fim com uma carta ao Sr. Teixeira de Vasconcelos, a qual foi inserta na secção literária da *Gazeta*. Começou por exaltar o Sr. Teixeira de Vasconcelos, pelo facto de o ter elogiado! E com *rara modéstia*, o mestre declarou que os elogios que se lhe fazem são um *boníssimo exemplo!* Depois toma o partido de José Agostinho de Macedo, o *coluniador* de Camões, e chama, aos defensores da glória do autor *Os Lustu-das, gente das dúzias!* El, em vez de responder à critica do Sr. Antero de Quental, chama nevoeiros aos escritos do mesmo Sr. Antero de Quental e de Teófilo Braga, e classifica de *visionários* e *orates* estes dois mancebos, buscando matá-los pelo ridiculo.

Que mancebos pegassem na pena e, no fogo dos primeiros anos, provocados pelo Sr. A. F. de Castilho, escrevessem com severidade, e até inconvenientemente, percebe-se e pode-se até certo ponto desculpar. Mas que o Sr. Castilho responda com insultos ao segundo opúsculo do Sr. Antero de Quental, opúsculo escrito com delicadeza, e em que nada se afirma que não seja acompanhado de razões fortes e concludentes, é que se não percebe bem, e dá a entender que por Tibur se anda um pouco estonteado.

Após a *carta-verrina* do Sr. A. F. de Castilho, publicada na *Gazeta*, veio de Coimbra um escrito em verso, intitulado *Carta de Boas-Festas a Manuel Roussado por S. de A.*

*Nunca se viu destempero
Nem maior nem mais grosseiro!
Quem te chamou a terreiro
Meu grande sensaborão?*

Para a outra vez é melhor ficar calado, não vir à feira com grosserias de tal ordem. E passemos adiante que *não vale a pena gastar cera com ruins defuntos*, segundo diz o provérbio.

Falou depois o Sr. A. Osório de Vasconcelos, num folhetim do *Jornal do Comércio*. Mostrou-se enfadado com o barulho e, apesar de saber que o motor dele fora o Sr. Castilho, conspirou-se contra os Srs. Antero de Quental e Teófilo Braga.

O Sr. A. Osório de Vasconcelos não é partidário de novas ideias e reformas em literaturas. É conservador em assuntos literários, e não quer que se enriqueça com um só favo a colmeia das letras. No que lhe achamos graça é em chamar *trevas germânicas* à filosofia alemã! Diante do Sr. Osório de Vasconcelos, e à sua voz onnipotente, vão cair, para não mais se levantarem, glórias e reputações como as de Kant, Fichte, Hegel, José Schelling, e muitos outros!

Continuaram os opúsculos no novo ano de 1866. Apareceu uma carta em verso de Amaro Mendes Gaveta que o *Diário Mercantil*, do Porto, disse ser obra do Sr. Francisco Palha e outros atribuem ao Sr. Cunha Belém.

O Sr. A. de Castilho não foi muito bem tratado pelo nosso Gaveta, e levou com toda a justiça a sua conta, bem como o Sr. Júlio de Castilho, por ser tão piegas como o *papá*. Ouçamos:

*Agora nós, Vate illustre
Que nos outros dás às cegas,
Que manchas o próprio lustre
Com coisas muito piegas!...*
(...)

*Ai! Deus! o que vai no mundo!
O teu método é história
E eu bem sei em que me fundo;
(...)*

*(...)
Em formas métricas dextro
Rico em primor de linguagem,
Falta-te às vezes a aragem
Da sublíme inspiração;
Es frio no sentimento...
E supras co fingimento,
A falta do coração...
(...)*

*Es poeta d'artificio
Não tens originalidade,
Não primas em correcção!
(...)*

*(...)
Se és decerto o rei do verso,
Não és o rei da poesia!
(...)*

*(...)
E entre estrofes divinas
Tens coisas tão pequeninas
Que é mesmo um louvar a Deus!*

*Da literatura moderna,
— Que tem no elogio mútuo
Uma espécie de instituto
Como o da maçonaria —
Empunhaste o grão malhete,
E ninguém te foi à mão!
(...)*

*O Antero então cai-te à perna,
Brada contra a corrupção,
Que do teu nome hoje em dia
Faz uma chancelaria!*

*Vem, ó Júlio de Castilho!
Vem mostrar de quem és filho
Na pieguice de escrever!
Aquele lista de nomes
Em que três laudas consomes
É coisa muito de ver...
(...)*

Amaro Mendes Gaveta quis beliscar em A. Herculano a propósito do casamento civil. É que talvez a origem política de Gaveta o arraste para o campo dos neocatólicos. O rifão diz:
O que o berço o dá a tumba o leva.

Depois de Amaro Mendes Gaveta, falou também em verso, no Porto, o literato Urbano Loureiro. Meteu a coisa a ridículo e disse:

*Uma pergunta em segredo
a respeito do Castilho!
— Sabem quem é o sujeito?
Um velhote de respeito,
Sempre coa mão no gatilho
dalgun dotrado epigrama;
que a pedido faz prefácios
Onde há pérolas e lama;
(...)*

*Que foi o autor infeliz
do ã-bê-cê repentino,
que plo ciume ralado
Se trespassou cum pepino.
(...)*

Satan



21 DE MARÇO DE 1866 — Nesta carta Castilho refere-se ao folheto de Ramalho, mostrando assim que o conhecia e desmentindo as suas anteriores afirmações (ver *Textos Adicionais*, 2.º volume, p. 359). Esta referência devia-se ao facto de Gomes Monteiro haver recusado a publicação a um manuscrito de seu filho Eugénio, que Castilho recomendara aos bons officios de Camilo. O folheto a que, quase no fim da carta, se refere Castilho deve ser *Verdadeira Luz Derramada na Questão Literária e Supremo Remate a Ela*, pela *Sombra de Cícero*.

Meu caríssimo Camilo:

(...)

Aqui tem V. Ex.ª o porque eu tanto desejava que se organisasse uma *sociedade editora* a valer, lembrança que tanto fez rir, e tão leviana e desalmadamente, o Ramalho Ortigão.

Se houvesse uma companhia assim possante em cabedais; especuladora sim, mas ao mesmo tempo com alguma nobreza e dignidade; desejosa de lucros, mas desejosa também um pouco-

chinho de bom nome e de louvores merecidos, coisa para que os escritores tanto poderiam contribuir; se em suma essa empresa fundada com uns estatutos sérios, e com regulamentos honrados, timbrasse em merecer o nome de amiga e fautora do saber, havia de acarinhar e favorecer a todos os principantes de boas mostras, embora fizesse para isso alguns leves sacrificios de que aliás o futuro a havia de ressarcir; e se num ou noutro caso lhe saísse falido o cálculo, assaz e de sobra se poderia consolar desses detrimentos com os avultados ganhos que lhe haviam de deixar as obras dos autores consumados e populares.

(...)

Que folheto é um que me dizem ter-se agora publicado aí mas que ainda por cá não veio, relativo à questão literária? E pelo modo uma sentença afinal proferida sobre os autos findos pela sombra de Cícero. Quem é o autor? Quem é o representante do protótipo da eloquência?

(...)

De V. Ex.ª

o mesmo que sempre

A. F. de Castilho

Lisboa, 21 de Março de 1866.



25 DE MARÇO DE 1866 — Vigésimo folhetim de *A Literatura em Barulho*, dedicado a análise do opúsculo de Ramalho Ortigão *Literatura de Hoje*. Discute principalmente os aspectos mais reaccionários do opúsculo: critica a Renan, comentários acerca da Revolução Francesa e Congresso de Liège, lamentando que «uma intelligência superior» seja capaz de exprimir tais opiniões.

A LITERATURA EM BARULHO

XX

«A missão do crítico é muito diferente da do turbulento officioso de alheias composições literárias...»

(L. A. Palmeirim)

A literatura bate-se. Assim o anunciaram os jornais da Cidade Invicta. A questão complica-se. E o opúsculo *Literatura de Hoje*, do Sr. J. D. Ramalho Ortigão, apesar de ser uma crítica imparcial, deu ocasião a explicações que só terminaram no campo, batendo-se o autor da *Beatrice* com o ilustre crítico do Porto.

Temos profundo respeito por esses dois talentos, e sentimos que escritores tão independentes tivessem de se achar no campo face a face um do outro. Os homens de talento devem resolver as questões literárias com os argumentos da pena, e não com os da espada.

O opúsculo do Sr. Ramalho Ortigão é o escrito talvez mais imparcial e incontestavelmente o mais bem escrito de todos quantos se têm publicado, com relação à guerra entre a literatura.

Tem este opúsculo verdades que são incontestáveis.

Ouçamos:

«A verdade é que o Método Repentino é inadaptável nas escolas, donde fugiu há muito tempo; a verdade é que pouquíssimos lêem as soberbas produções do Sr. Castilho.

«Que é uma tradução da Geórgica? Uma ideia velha e relha, ressabida e decorada por todos os escolares, e uma palavra hipoteticamente nova: a ideia de Públio Virgílio Marão e a palavra do Sr. António Feliciano de Castilho.»

Ouçamos mais:

«A carta ao editor Pereira termina com algumas linhas pós-escritas em que o autor declara de antemão a quantos discordarem da sua opinião que lhes não responde. Eis a última palavra do escrito do Sr. Castilho: «Lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer».

«Péssima palavra esta para aquilatarmos por ela o carácter e convicção de um escritor! Não briga! Pois neste século de livre exame e de livre discussão, neste século em que a verdade se não toma dos lábios dos mestres, senão do clarão desferido no roçar

das ideias sempre cruzadas e batidas com as espadas de um combate permanente, neste século de acção e reacção, de evolução e revolução, neste século em que vivemos, *quem não briga não escreve*.

«O tempo, para que o Sr. Castilho apela em uma carta ultimamente dirigida ao Sr. Teixeira de Vasconcelos, é o *último dos auxílios* a que pode refugiar-se a inteligência.

«O crítico, o poeta, o político, o filósofo e o mecânico, que hoje em dia se cala para dar tempo ao tempo, é *operário que está duzentos anos atrás da sua época, é como se não fosse para o movimento geral da civilização e do progresso.*»

Falando da carta do Sr. Antero de Quental, o Sr. Ramalho Ortigão chamou-lhe *cobardia*, pelo facto de se dirigir com aspezeza a um velho e a um cego. Foi certamente força de expressão. Mas o Sr. Antero de Quental entendeu dever seu mostrar que não era cobarde, e pediu satisfação pelas armas ao Sr. Ramalho Ortigão, e no campo mostraram ambos ser mancebos briosos, e capazes de sustentar com armas aquilo que dizem com a pena.

Na crítica das *Odes Modernas* do Sr. Antero de Quental foi o Sr. Ramalho Ortigão algum tanto severo, mas quase sempre justo. Longe, porém, de nós o concluir, como o Sr. Ortigão, que o Sr. Antero de Quental é mau poeta e é mau filósofo. Não consideramos maus poetas os que discorrem em vez de comover. Aí temos nós o Sr. A. F. de Castilho que só comove e discorre à custa de Ovídio e Virgílio, e que nem por isso *deixa de ser um grande poeta*. Maus poetas são os que, nem discorrem, nem comovem, como há por aí muitos, que vivem com o *placet* de Tibur.

Também não consideramos maus filósofos os que derribam. Para levantar, e edificar de acordo com a verdade, e com os bons princípios da filosofia, é preciso derribar primeiro o que é anómalo, absurdo e anacrónico.

Concordamos em que há incorrecção nos escritos do Sr. Antero de Quental. Mas lembramos ao Sr. Ortigão o que escreveu um dos primeiros críticos da França literária actual, M. Edmond Scherer:

«L'incorrection n'est pas toujours incompatible avec certaines qualités de l'écrivain et même du grand écrivain.»

Não nos maravilha que o Sr. Ramalho Ortigão, como folhetinista que é, leve ao sétimo céu a ciência do folhetim, mas que considere a imortalidade mais fácil para os folhetinistas do que para M. Ernest Renan, o segundo estilista de França, e que

chame a Renan *um charlatão de mau gosto*, isso não nos parece próprio de uma inteligência superior, como é incontestavelmente o Sr. Ortigão.

Contra a opinião do Sr. Ramalho Ortigão, e de alguns invejosos da Alemanha, sem falar no ignorantíssimo exército ultramontano, a França e a Europa têm demonstrado a sua admiração pelos livros de M. Ernest Renan, sucedendo-se de uma maneira pasmosa as edições umas às outras. É que Renan tem sido pregoeiro da verdade, pregoeiro inteligente e esclarecido como poucos, e a Europa de hoje começa a abrir os olhos à verdade, convencida da razão com que o barão de Holbach escreveu:

«L'ignorance et l'erreur sont les vraies causes des égarements des hommes et des malheurs qu'ils s'attirent.»

Os antagonistas de Renan não têm conseguido, com os seus ataques ao grande escritor-poeta, senão exaltar mais a sua glória. Bem diz o Sr. A. C. Borges de Figueiredo: «Quando a censura desvalira, ferindo o que todo o mundo admira, então o seu mais seguro efeito é o exaltar a glória que procurava rebaixar.»

Custa-nos também ver chamar horrível, detestável e ignóbil à bandeira de Voltaire, e de Rousseau, e à bandeira dos filósofos do século XVIII, como lhe chama o Sr. Ramalho Ortigão no seu opúsculo. Quem lançou no mundo tão grandes ideias, quem foi tão ousado como Helvécio em filosofia, como Rousseau em política, como Raynal em moral, como Lamétrie em religião, como o Abade de Saint-Pierre em questões sociais, quem escreveu como Montesquieu, Sleyès, Laharpe e Voltaire, devia merecer mais consideração a um crítico da força do Sr. Ramalho Ortigão.

Gramer de Cassagnac, escritor insuspeito sobre a escola do século XVIII, escreveu o seguinte em 1852: *«Voltaire et le dix-huitième siècle sont encore debout aujourd'hui.»*

A Humanidade não pode retrogradar. O século XIX não voltou atrás do século XVIII, nem ficou estacionário, vai adiante, marcha, progride, aperfeiçoa a obra dos filósofos do século passado, e descobre novas verdades em religião, em moral, em história, em literatura, em ciências naturais e em filosofia.

Não compreendemos também como o Sr. Ramalho Ortigão se julgou autorizado a chamar traidor a Maximiliano Robespierre. Robespierre foi um terrível e sanguinário fanático político, mas não foi um traidor. Traidor a quem? O homem que morreu, para não consentir que fosse violada a soberania da Convenção, não pode ser taxado de traidor. O fanatismo, como o de Robespierre, pode ser um erro e um crime, mas não é nunca uma traição.

O sangue derramado em 1793 foi um crime, consequência de muitos crimes. Lede os *Miseráveis* de Vitor Hugo, e dizei-nos o que tendes a replicar às palavras que o *convencional* moribundo dirigiu ao bispo Benevuto.

Trata também o Sr. Ramalho Ortigão de ridicularizar o congresso de Liège. Houve desvarios de linguagem, ousadia de ideias; mas, através de tudo isso, nota-se ali uma grande liberdade, e a par dela grande talento e sublimes aspirações.

Duvidais que a insurreição seja em certos casos um direito? No caso afirmativo, sois reaccionários.

Entendeis que a infalibilidade e a intolerância papal pode viver por muito tempo, e não são prejudiciais à Humanidade? Então abraçais o *progresso da Idade Média*.

Condenais os estudantes de Liège, dizendo que a imprensa de Paris não disse uma palavra acerca das *ideias novas*, expostas ali pelos representantes do Quartier-Latin. Não sabeis que essas ideias incomodam o Segundo Império, e que em França não há liberdade de imprensa, senão aquela que concede Luís Napoleão? Estudai a legislação francesa sobre a imprensa, lede o que a tal respeito diz M. Maurice Block, e falai depois.

Condenais o congresso de Liège porque o ministro da Instrução Pública de França expediu ordem ao director da Universidade para que fossem *perpétuamente* riscados das academias de França os seis estudantes franceses que falaram no dito congresso! Custa a crer que um talento, como o de Ramalho Ortigão, se curve tão servilmente diante da política retrógrada de Napoleão III, e que faça obra por ela, para condenar as *ideias e aspirações* de mancebos de superior inspiração.

Verdade é que não deve maravilhar muito isso no Sr. Ramalho Ortigão que, a pp. 46 e 47 do seu opúsculo, nos dá uma prelecção que parece tirada do mestre de *Larraga*.

É admirável a parte do Sr. Ortigão em que trata *Camões* do Sr. A. F. de Castilho. Não nos parece que o Sr. Antero de Quental, neste ponto, como em alguns outros, possa responder com vantagem às judiciosas observações do Sr. Ramalho Ortigão.

Satan



? DE MARÇO DE 1866 — Damos agora a conclusão do artigo de Inocêncio da Silva, na revista *O Panorama*, cuja publicação tinha aí sido iniciada em Janeiro deste ano. Eliminamos

algumas das suas partes por só referirem exaustivamente os autores ingleses admiradores da nossa literatura. Esta última parte do artigo só veio portanto a ser publicada em fins de Março. Com grande arreoubo patriótico, Inocêncio defende os autores clássicos portugueses.

IV

(Conclusão)

Havendo de pôr termo por agora a estes apontamentos, falta-nos, para cumprir o prometido, comemorar ainda dois distintos filósofos ingleses, cujo olfacto se não perturbava com o *bolor* dos nossos clássicos, e que no estudo da antiga literatura portuguesa viam e admiravam alguma coisa mais que as *algarvias místicas dos frades estonteados*, de que com tamanha irrisão mofam e desdenham estes nossos modernos *inovadores* por excelência, sublimes alvitristas das *praias do futuro*, para as quais se encaminham *jeitosamente* inspirados, ou antes conduzidos.

*De alguma mão feita d'amor e luz,
A revolver lá dentro em si uma ideia,
Que alfim luza também no nosso fundo!!¹*

(...)

Todas estas obras gozam de geral estimação; e como os exemplares apenas de longe em longe, e só casualmente, se depa-ram no mercado, quando algum aparece acha logo compradores, que o disputam entre si, pagando-o por elevado preço.

Este *ignorado canto da terra, a que ainda se chama Portugal*, composto só de *pequenos homens* e de *pequenas coisas* (na frase dos modernos videntes que vêm trazer-nos a luz!), teve sempre entre os estranhos, e tem ainda hoje, quem o preze e admire mais vantajosamente que certos nacionais. Coligimos nou-tro tempo, e chegámos a adiantar um extenso *Catálogo biblio-gráfico e crítico das obras escritas e publicadas por autores es-trangeiros acerca de Portugal e de suas coisas*; trabalho que

¹ V. *Odes Modernas*.

bem quiséramos oferecer aos nossos ilustres sábios, como prova do que dizemos, se as circunstâncias nos favorecessem para completá-lo e imprimi-lo. Como pouca ou nenhuma esperança nos resta de que tal desejo se converta em realidade, fique embora para ser por nossa morte, com outras *semelhantes minudências*, mais útilmente aproveitado em alguma tenda no embrulho dos adubos.



? DE MARÇO DE 1866 — No mesmo número de *O Panorama*, sai a continuação dos artigos de Zacarias Aça intitulados *A Questão Literária*. Que o saibamos foi este o último, ficando portanto a série incompleta. O autor adianta algumas interessantes considerações a respeito da nossa situação cultural, sobretudo em relação ao nível filosófico e científico das nossas escolas.

A QUESTÃO LITERÁRIA

II

Propondo-me escrever não um panfleto que derrame nova luz sobre a questão, como por aí costumam dizer arautos e pregoeiros amadores da literatura ligeira, e onde se ataque acintemente com garras e dentes um dos grupos literários que se gloriavam neste momento, mas sim uma história crítica, uma apreciação rápida das ideias aventadas pelos contendores dos dois campos, parece-me ter sido lógico começando pelo princípio, isto é, por um esboço crítico de algumas obras do Sr. Teófilo Braga e do Sr. Antero de Quental, porque foram estas a causa ocasional de o Sr. António Feliciano de Castilho escrever as célebres páginas da carta ao Sr. Pereira, e que a seu turno motivaram a epístola que tem por título *Bom Senso e Bom Gosto*, dirigida por um dos criticados ao autor da *Noite do Castelo*.

Há já tanta luz por aí, a questão tem sido tratada e vista de tão alto, na altura dos princípios como se costuma dizer em S. Bento, que livre-me Deus da tentação de elucidar neste ponto a quem quer que seja com tal pretensão; faria sem dúvida alguma o efeito de um homem que em um brilhante dia de estio saísse à rua com uma lanterna acesa na mão.

Quando appareceu a *Visão dos Tempos* fui um dos que aplaudiram a tentativa poética. O livro era uma promessa. Pensei dele o que penso agora. Entre outras coisas, achei-o, confesso, pouco português na linguagem da Introdução, que, atenta a novidade que seu autor nos queria dar, devia vir mais cuidada e esmerada. Conhecendo a índole do nosso espírito que, desgraçadamente, não é dado a profundas cogitações, o Sr. Teófilo Braga devia doirar a pílula. Não o fez. O resultado foi o que era de esperar. Correndo o risco de ser considerada como uma turba de ineptos, a população leitora de Lisboa declarou, *uma voce*, que o prefácio do novo livro era ininteligível, e, rechaçada dali, lançou-se, ansiosa de compreender, sobre a *Bacante*, e exagerou o merecimento daquela composição porque... a entendeu. Vêem-se com bons olhos as coisas que nos lisonjeiam.

Porque é que o público declarou que não percebia nem uma frase da *Generalização da História da Poesia*? Foi só porque ela não tinha aquele esplendor de estilo tão grato aos nossos espíritos tão amantes da luz? Ou porque a linguagem não denunciava o convívio dos bons modelos? Não, não foi só por isso. O público não entendeu, porque em todo o caso não podia entender. E esta a verdade. E não podia entender porque não sabe.

Concorreram, portanto, três razões, todas fortíssimas, para que a prosa do Sr. Braga não agradasse aos leitores, e vêm a ser: a falta de clareza, a vernaculidade do dizer, a pouca aptidão dos povos da península para os estudos filosóficos, e principalmente a ignorância quase geral em que fazemos.

O livro receberia, por certo, outro acolhimento, se o autor fosse mais lógico, atentasse com mais circumspecção na natureza e circunstâncias do nosso público, e fizesse, em vez de uma generalização, um trabalho analítico. Não digo aqui se esta tarefa era mais ou menos difícil do que a que escolheu; provavelmente ser-lhe-ia impossível levá-la a cabo com a proficiência que ela exige; mas, qualquer que fosse o êxito da obra, havia já a agradecer a intenção e a louvar o senso crítico do poeta que mostrava desse modo conhecer a atmosfera intelectual em que vive e querer ser útil ao seu país.

Muitos dos livros escritos em Alemanha não podem ainda ser percebidos e utilizados por quem saiu dos nossos mesquinhos estabelecimentos secundários, ridículos se os compararmos com os ginásios alemães, com as escolas normais e Faculdades de Letras da França e com os institutos livres da Grã-Bretanha.

E depois, conviver com Balzac, Dumas, Musset e o filósofo Henrique Heine, não é habilitação suficiente para estudar Otfried Müller e os escritores da escola histórica alemã. O nosso público está ainda muito inocente nestes assuntos. Os mais adiantados lêem a *Revista dos Dois Mundos*; os outros continuam a folhear romances; a grande maioria dos escritores entretém-se a fazer estilo, isto é, cobrir esqueletos com muitos ouropéis. Isto, que é visível e claríssimo, escapou ao senso profundo do Sr. Teófilo Braga.

Qualquer que seja a impressão que produzam as minhas palavras, não me tremeu a mão ao escrevê-las, porque estou convencido da verdade delas, porque entendo que é necessário dar um exemplo de consciência literária, e porque hei-de ter sempre a audácia de dizer o que penso.

Encantados neste palmo de terra, comunicando com a Europa pelo Mediterrâneo, gozamos de uma grande liberdade política, mas nisso se cifram as nossas venturas. É muito, mas não é tudo. As ciências, as letras e as artes fazem entregues ao esquecimento; foram preteridas pela política. Deus queira que não venha longe o dia do seu renascimento entre nós.

Bunsen escreve a sua obra sobre o lugar do Egipto na história universal; Layard traz das suas viagens as *Antiguidades de Ninive*; Otfried Müller morre aos quarenta anos, vítima do seu amor à ciência, e deixa-nos os *Etruscos*, os *Dóricos*, o *Manual da Arqueologia da Arte* e a *História da Literatura Grega*¹; Curtius e Grote escrevem a *História da Grécia*, trabalhos admiráveis, ricos de ciência e de crítica; multiplicam-se as edições da *Ciência da Fala*, de Max Müller, um dos primeiros filósofos modernos; etc.; mas todos estes estudos são perdidos para nós, porque as nossas bibliotecas não os possuem, porque os nossos jornais e revistas não se ocupam deles e mostram desconhecê-los completamente, porque a nossa ciência em matéria de filologia, tomando esta palavra no sentido alemão, conserva-se pouco mais ou menos na altura da de Frei Bernardo de Brito, porque, quando se discute a formação das línguas, ainda ouvimos falar a sério na torre de Babel, porque se ataca a filosofia e a ciência da Alemanha, facho que ilumina hoje todo o mundo pensador, sem previamente as ter lido e estudado, e não há por aí basbaque nenhum que não mofe da filosofia transcendente, indo, infeliz-

¹ Esta obra foi recentemente traduzida em francês por Karl Hillebrand.

mente, achar eco na intelligência de homens que têm obrigações de guiar os outros e de resistir às más paixões da ignorância e da vaidade.

Os nossos antepassados são insultados porque vieram do Norte, são bárbaros! Para se dizer isto é necessário esquecer que foram esses selvagens os fundadores das nações modernas.

Em que tempos vivemos nós? Estamos no século XIX ou ouvimos os oradores romanos pedir legiões para guardar os limites do império e ir resgatar as águias de Varro sepultadas nos plainos da germânia?

Zacarias Aça

★

28 DE MARÇO DE 1866 — Novo folhetim em *O Português*. Neste o autor analisa o folheto de Camilo.

A LITERATURA EM BARULHO

XXI

«Nul ne doit être apprécié que dans la situation qui lui est faite par les circonstances au milieu desquels il est placé par une force de choses indépendante de lui.»

(A. de Lamartine)

Falando apenas de passagem no folheto *Os Literatos em Lisboa*, do Sr. A. Ferreira de Freitas, horivelmente ilustrado pelo Sr. Jerónimo de S. Mota, e concordando inteiramente a tal respeito com o parecer do autor de outro folheto publicado no Porto, *Os Coimbrões*, passaremos a tratar das *Vaidades Irritadas e Irritantes*, do Sr. Camilo Castelo Branco.

Diz o autor dos *Coimbrões*:

«Dos rabiscadores que têm vindo à imprensa ajuntar sandices às ninharias de penas mais atiladas, é para nós evidente que o fim tem sido pescar alguns tostões nestas águas revoltas de uma questão absurda. Pois a que viria o Sr. Ferreira de Freitas com catorze páginas de linhas rimadas e duas de prosa, pelo módico preço de 240 réis? E começa por dizer que sirva de desculpa às imperfeições o ter sido tudo isso fruto de uma noite, como se houvesse desculpa possível para *um apontado de maus*

versos, que se quer encampar ao público por quantia superior ao grave pataco.»

Com isto está dito tudo em relação ao folheto *Os Literatos em Lisboa*.

Escreveu o Sr. Camilo Castelo Branco um opúsculo de 47 páginas. Fomos admiradores do talento do ilustre poeta e romancista. Costumamos ler sempre com prazer e grande admiração tudo quanto ele escreve. Confessamos, porém, que nunca nos custou levar ao fim os escritos do Sr. Camilo Castelo Branco, e que desta vez só uma grande força de vontade conseguiu de nós ler de fio a pavio as *Vaidades Irritantes e Irritadas*.

Lamartine disse, com razão, que para apreciar o homem é mister conhecer a situação em que se acha, em virtude das circunstâncias que militam para se achar colocado em posição independente da sua vontade. Chegamos a acreditar que na questão literária o Sr. Camilo se viu colocado numa destas posições.

Suponhamos que cinco missivas de Tibur lhe suplicavam auxilio contra os ataques dos idealistas. Suponhamos que o Sr. Camilo teve dó da posição do papa. Que fazer?

Conta-se que, chegando Antero de Quental ao Porto, para pedir explicações a Ramalho Ortigão, fora logo procurado pelo Sr. Camilo, o qual declarou mui positivamente ao autor das *Odes Modernas* que o não dispensava de ser seu hóspede. Conta-se que, indo o Sr. Antero de Quental para casa do Sr. Camilo, este começou a ler as *Vaidades Irritadas e Irritantes*, que poucas horas antes tinham saído à luz. Lá pelo meio, o Sr. Antero começou a rir, e o Sr. Camilo também teve de desatar às gargalhadas. Tiveram ambos razão, se o que se conta é verdadeiro.

O Sr. Camilo escreveu as *Vaidades Irritadas e Irritantes*, mas foi padrinho do Sr. Antero de Quental, segundo também se conta. Já se vê que não podia escrever com grande entusiasmo em defesa de Tibur.

O Sr. Camilo escreveu muito, mas não deu novidade. Não compreende o que sejam *tempestades sonoras*. Na *Revista Contemporânea* faz o primeiro reparo acerca de um dos livros do Sr. Teófilo Braga. Se no reparo há ofensa, não é para o Sr. Braga, é para Camões. O autor de *Os Lusíadas* escreveu:

*Lutando Bóreas fero, e Noto horrendo
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as velas côncavas rompendo.*

Por último, diremos ao Sr. Camilo que o estilo não é tudo em poesia, bem como o não é a metrificação. E De Peletan escreveu: «*Le vers n'est qu'un son, l'homme est une âme, et il faut à l'âme plus qu'un son pour la faire vibrer. Ce n'est pas la langue qui fait la poésie, c'est la partie divine du coeur humain*».

Quanto a metrificação, há mesmo sérias dúvidas sobre se o Sr. A. F. de Castilho é entre nós o primeiro metrificador. Lopes de Mendonça disse: «O Sr. João de Lemos talvez não tenha rival como metrificador, como poeta de forma.»

Satan



2 DE ABRIL DE 1866 — Carta de Castilho a Camilo. Refere-se ao folheto *A Imprensa na Gaiola*, attribuído a Pedro Dinis.

Meu caríssimo Camilo:

(...)

Por aqui nada há de novo que eu saiba ou que mereça a pena de ser contado a V. S.^a; salu sim um folhetito em verso, 16 páginas de 8.º, intitulado *A Imprensa na Gaiola*. Não sei se não será de Pedro Dinis, e o título por ora não lho percebo; espere-mos pela 2.ª parte, pois se promete.

Isto da *folhetaria* está acabando. Também já era tempo.

(...)

De V. Eix.^a

o mesmo que sempre

A. F. de Castilho

Lisboa, 2 de Abril de 1866.



5 DE ABRIL DE 1866 — Um novo folhetim de João Félix Rodrigues, este referindo os folhetos de Augusto Malheiro Dias, Ermita do Chiado e Freitas Oliveira.

A LITERATURA EM BARULHO

XXII

*«Liberté, c'est le vœu de tous, le cri
des consciences, le besoin du présent,
l'espoir de l'avenir.»*

(Jules Simon)

Acabe-se com o despotismo de Tibur. Que o talento possa mostrar-se sem ir pedir vénia ao Sr. A. F. de Castilho nem a ninguém. A liberdade é tão preciosa em literatura como em política. O Sr. Castilho estava persuadido de que se não pode ser poeta sem sua licença. Mas, depois da carta do Sr. Antero de Quental, deve convencer-se que o seu despotismo acabou, e para sempre. Se essa carta teve ou não importância, dizem-no vinte e tantos opúsculos que já se acham publicados com relação à pugna literária entre Castilho e Quental.

O Sr. Augusto Malheiro Dias, do Porto, também saiu a campo nesta questão. O seu opúsculo contém muitas palavras e poucas ideias. Confessa, porém, o Sr. Dias, que no Sr. Castilho há bom e mau. Cremos que ninguém ainda negou isso. E para se limitar a dizê-lo, não nos parece que fosse preciso vir também à feira com o seu folheto de 20 páginas, a 100 réis!

Ao Sr. Malheiro Dias seguiu-se um opúsculo intitulado *Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*, pelo *Ermita do Chiado*. Tem corrido no público que o *Ermita do Chiado* é o Sr. Osório de Vasconcelos. Ignoramos o fundamento que tem esta notícia, a qual aqui damos com toda a reserva. O que podemos asseverar é que o autor é um homem, e que, como tal, está no direito de dizer como Terêncio: *Homo suo, nihil a me humani alienum puto*.

O *Ermita do Chiado* fez três verrinas em três estilos, sem contar as verrinas incidentes contra diversos escritores.

A primeira é contra Antero de Quental e Teófilo Braga. Diz que o Sr. Quental escreve charadas, e o Sr. Braga estupendas maçadas. Tudo isto é vago, porque o *Ermita* não se quis incomodar demonstrando as suas proposições, e ocultou o seu nome por *modéstia*!

A segunda é com António Feliciano de Castilho, de que diz que é poeta artificial e postiço, que chora a compasso, e que é progenitor da escola de Coimbra.

A terceira é dirigida ao Sr. A. Herculano. O *Ermita do Chiado*, que nos parece ser um *pedante* de força maior, ataca Herculano como historiador! Acusa-o de falta de conexão filosófica, e de falta de conexão luminosa! Isto dá vontade de rir, Sr. *Ermita*. Isto não se toma a sério. Só podemos responder a V. S.^a com uma gargalhada. V. S.^a fala como aqueles que são verdadeiros ignorantes. *Nempe hoc indocti* — disse Juvenal.

Diz o *Ermita*:

«Que é o *Eurico*? É um acervo de monstruosidades. Nevoeiro de ideias encontradas, imagens impossíveis e absurdas, como esta, entre mil:

«Sabes tu, Hermengarda, o que é viver vinte anos amarrado ao próprio cadáver?»

«Isto é ininteligível, é enigmático, é impróprio, é absurdo, etc.»

O *Ermita* é impagável! Desadora o estilo do *Eurico*! E a Europa admira esse estilo, e em Portugal é o *Eurico* recebido como o mais belo, como o mais poético de todos os nossos *romances-poemas*!

Nós seguimos a opinião de Granier de Cassagnac, e deixamos falar o *Ermita*. Diz Cassagnac:

«*Les livres qui plaisent sont bien écrits, les livres qui ennuiant sont mal écrits.*»

Isto realmente é assim, e por isso é que todos os leitores sentem prazer em ler o *Eurico*, e se enfastiam deveras lendo certos folhetins maçudos e maçadores, e que por aí dizem ser obra de bicho literato em ciência e científico em literatura.

Mas, em suma, o *Ermita* deve ser uma oitava maravilha do mundo, para se apresentar com todo o desassombro a dizer que o sábio A. Herculano é um escritor absurdo. Damos-lhe os parabéns.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas.

Em todo o caso terminamos por dizer, como Jules Janin, com relação ao opúsculo do *Ermita do Criado*:

«*Si l'opinion publique était tout à fait à la merci de ces jugements en l'air, il faudrait désespérer de la société humaine.*»

Em seguida ao *Ermita do Chiado*, salu à luz um opúsculo intitulado *A Questão Literária. A propósito do jazigo de José Estêvão*, cartas dos Srs. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas Oliveira. O custo é de 60 réis. O público foi desta vez benefi-

ciado, pelo Sr. Freitas Oliveira, com um pataco. Ainda ninguém tinha escrito por menos de um tostão. Na parte económica, não há senão a louvar no tal folheto. Ler duas cartas de vultos como Castilho e Freitas de Oliveira por três vinténs é realmente barato e não escandaliza.

Feitos os cumprimentos de estilo, passemos a falar das cartas. O jazigo de José Estêvão é uma coisa séria e grave. Tratando-se dele, é faltar ao respeito devido à memória do grande orador o fazer insinuações contra alguém, aproveitando a ocasião de pedirem epitáfio para o sepulcro de um tão grande português. Junto de um sepulcro deve haver lágrimas, saudades, mas nunca ódios, nunca pensamentos de injuriar quem quer que seja. Assim pensamos; mas é certo que o Sr. Freitas Oliveira costuma estragar todos os belos assuntos, já por ignorar completamente a história e ser mui pouco lido, já por ser de uma natureza fulminante e não se poder ter que não injurie alguém, mesmo quando o assunto convida somente à apologia.

Todavia, vá trabalhando em liberdade, porque não queremos para nós, nem para ninguém, o despotismo das regras. Mas em história há uma regra de que se não pode prescindir — é a verdade na exposição dos factos. E no *Esboço Histórico de José Estêvão* há mais fábula do que história.

Do jazigo de José Estêvão é do que fala menos o Sr. Freitas Oliveira, na sua carta ao papa de Tibur. A carta contém incensos podres ao Sr. A. F. de Castilho. Pois já houve época em que o Sr. Freitas vomitava não poucos epigramas contra o autor do *método repentino*!

Outros tempos, outras conveniências. O Sr. Freitas Oliveira tem tido a mesma inconsistência em política, como a que agora acaba de demonstrar com relação às questões literárias. Há homens que não podem ter três meses a mesma opinião. É uma doença como qualquer outra.

A propósito do jazigo de José Estêvão, diz o Sr. Freitas de Oliveira que as obras dos filósofos alemães são *bacamartes*; que os Srs. Teófilo Braga e Antero de Quental são *lâzudos poetas*, hugozinhos de *Sarnache*, catoézitos de *Sinfães*; que Vitor Hugo escreve *palavrões*; que é filósofo o *Colete encarnado* do Campo Grande; que os estudantes de Liège saíram do *Penim* da Alemanha; e que Júlio César Machado é o terceiro *talento* cá da Lusitânia! O primeiro é o Sr. Freitas de Oliveira, o segundo o Sr. Castilho, e o terceiro, o Sr. Machado. Muito bem!

Sim senhor, Sr. Freitas Oliveira, tem muita razão. Depois da sua carta, merecia uma comenda da ordem do *lagarto*. E de esperar que o seu nome apareça por aí numa dessas *ensurradas*, de que nos fala todas as semanas o *Diário de Lisboa*.

Quanto às exagerações do congresso de Liège, achamos grande *pilhéria* na indignação do Sr. Freitas Oliveira! O homem está agora *ordetro e carola*! Pois já houve tempo, em que aconselhava a política de *Danton*, e não se horrorizava com a célebre *Deusa da razão*! Ainda bem, que o temos monarquista puro, e um pouco lazarista. Faz bem, não perca a sua alma.

Satan

★

14 DE ABRIL DE 1966 — Neste folheto, *Satan* continua tratando do folheto de Freitas Oliveira e depois passa à análise de *Os Coimbrões* e finalmente das *Cartas ao Correio Mercantil* do irmão de Castilho, José Feliciano Castilho de Barreto e Noronha. Refere a seguir, o folheto de Costa Gooldofim *Carta ao Ex. Sr.º Manuel Pinheiro Chagas pelo seu estapafúrdio admirador Costa Gooldofim*. Embora este folheto venha citado em algumas bibliografias da polémica, resolvemos não o incluir por considerarmos que se trata de um ataque a Pinheiro Chagas, resultando de uma posição pessoal do autor, sem qualquer relação com a *Questão Coimbrã*. Não é este, aliás, caso único, como referimos na «Nota Final» a este 4.º volume.

★

A LITERATURA EM BARULHO

XXIII

«Les luttes de la plume, les opinions qui s'opposent et se rapprochent, les erreurs et les retours, les excès et les réactions, tout cela c'est la vérité qui se forme.»

(Edmond Scherer)

O Sr. A. F. de Castilho disse, na crítica do *Poema da Mocidade* do Sr. Pinheiro Chagas, que *lá brigar não brigava*; mas o

Sr. A. de Quental fê-lo sair a terreno. Já vimos que escreveu uma carta ao director da *Gazeta de Portugal*. Agora temos a falar de uma outra, dirigida ao Sr. J. A. de Freitas Oliveira.

A propósito do jazigo de José Estêvão, o Sr. Castilho escreveu uma carta em que discute os seus adversários na questão literária! Sentimos que misturasse uma questão com outra. Estimamos todavia que viesse mais uma vez entrar a pello descoberto na briga que provocou. A verdade há-de sair do embate das diversas opiniões nesta questão literária.

O Sr. Castilho, na sua carta, não discute, infelizmente. Conflia pouco, ao que parece, no seu talento de argumentação. E por isso, a propósito do jazigo de José Estêvão, escreveu uma carta em que agride os seus adversários, mas em estilo da *Tosquia Dum Camelo!*

Aos seus adversários, aos que discutem com razões e argumentos, chama o Sr. Castilho: libelistas a venderem caro por 100 (?) réis a consciência e a vergonha própria, belfurinhos literários, ciganos que não vêm à feira por bons, incendiários nocturnos do templo do bom gosto, fabricantes e passadores de moeda falsa, violadores temerários das boas artes, blasfemadores do siso hereditário do género humano, ratoneiros de todas as famas, vendilhões de todas as mentiras e venenos, maisins do sublime, etc.

Estas injúrias e insultos provarão, porventura, que o Sr. A. F. de Castilho é infalível em questões literárias? Provarão que o Sr. Castilho é um poeta inventivo? Não, certamente. Pois é essa a questão que se agita, e nenhuma outra. E o Sr. Castilho fugiu de entrar nesta questão como se tinha já guardado também de a discutir quando o illustre Lopes de Mendonça a ela o quis chamar.

O folheto publicado pelo Sr. Freitas Oliveira, o que contém de sério, e brilhante, é a terceira parte, é o seguinte improvisado do grande poeta Bulhão Pato:

*Ei-la junto de nós dormindo o sono eterno
na terra enfim descansa ao pé do chão paterno,
ao pai que tanto amor em vida lhe votou,
também na sepultura agora se abraçou.*

*Quando ao romper do Sol alegre o céu rebrilha,
como anjo tutelar desce do Empíreo a filha:*

*abre as asas gentis por entre o ciprestal,
e solta o hino inspirado ao sono paternal.*

*Quem constante idou, desde a mais tenra idade,
em prol do amor da Pátria, em bem da Humanidade,
quando é chegada a hora e deixa a terra enfim,
à entrada do outro mundo encontra um serafim.*

Parece que estes versos são o epitáfio para o jazigo da malograda filha do grande orador José Estêvão.

Após o folheto de Fretas Oliveira, apareceram *Os Coimbrões, do caidador da rainha do Congo*. Este caidador pôs-se ao lado do Sr. Castilho, e apela para a posteridade. Imita o mestre em não argumentar, mas mete a ridículo os Srs. A. de Quental e Teófilo Braga. O *Sr. Caidador*, por mais que nos digam, é infalivelmente sócio correspondente do *elogio mútuo*.

Faltava o *mano Zé* a elogiar o *mano António*. Pois veio. Apareceu um folheto — o número um das *cartas do Sr. José Castilho*. Este é o que foi comandante do *batalhão da carta*, publicista de Costa Cabral na *Restauração*, e que ao presente é advogado e literato no Brasil.

Lá no Rio de Janeiro escreve cartas ao seu amigo João Carlos de Sousa Ferreira a respeito da *questão Castilho-Quental*. O negócio vai-se tornando sério. O *mano António* pediu auxilio ao *mano José*, e parece que anda a escrever cartas a toda a gente, para que se rabisque alguma coisa em sua defesa.

Na primeira carta, diz José Castilho que o Sr. Pinheiro Chagas é o proposto lente da cadeira de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras. Proposto por quem? Se é pela opinião dos homens de letras, esta indica toda para aquela cadeira, como o mais competente, o colossal talento de Bulhão Pato.

Mas não há-de ser a opinião dos homens de letras por si só que há-de resolver a questão. Há-de abrir-se concurso para aquela cadeira, e quem melhores provas apresentar nele é que deve ser proposto, pelo júri, para a cadeira, ficando ainda ao arbítrio do ministro competente o conformar-se ou não com a proposta.

Na mesma carta o Sr. José Castilho acusa de incivis todos os escritores de Coimbra, e chama ao *mano António*: *um respeito mundano, uma religião, um princípio, uma nacionalidade, enfim o senso do género humano!*

Isto entre os manos é bonito! Gostamos de os ver tão amáveis. Pena é que os Srs. Castilhos só o sejam com a família ou com alguém de quem precisam. Mas ainda bem que não há egoísmo senão para com os estranhos.

Diz o Sr. José Castilho, na citada primeira carta, que *Elmano da Cunha* é uma pseudónima assinatura! Isto é sonho, não há pseudónimo, Elmano da Cunha é um mancebo de talento, é o conhecido autor da *Filha do Deserto* e de outros escritos de mérito.

Diz mais o Sr. José Castilho, na referida primeira carta, em data de 18 de Dezembro de 1865, que o *mano António* nem em jornais nem em folhetos queimará a mínima escorva. Se isto foi resultado da carta do Sr. A. F. de Castilho para o Rio de Janeiro, nesse caso o *mano António* enganou o *mano José*, porque o papa de Tibur já queimou uma escorva na *Gazeta de Portugal*, e depois mais duas, sendo uma destas no folheto publicado pelo Sr. Freitas e Oliveira, e outra no opúsculo do Sr. Brito Aranha.

Diz mais o Sr. José Castilho, na dita primeira carta, que o Sr. Zacarias Aça estava, em Novembro último, escrevendo uma obra séria sobre a *questão Castilho-Quental*. Estamos em Março de 1866, e ainda não appareceu a tal obra!

Diz mais o Sr. José Castilho, na mesma carta, que o Sr. A. F. de S. José estava escrevendo sobre a questão. Pois ainda não appareceu o tal escrito. Só se ficou reservado para apparecer no dia de S. José do ano futuro.

Diz mais o Sr. José Castilho, na mesma carta, que o Sr. Bulhão Pato ia escrever sobre o assunto. E o Sr. Pato guardou até hoje na imprensa profundo silêncio acerca da briga litterária!

Nas outras três cartas do Sr. José Feliciano de Castilho há realmente muito que aproveitar, e trechos de admirável argumentação e dedução lógica. E que o José Castilho é só *piegas* falando de seu irmão, mas não o é tratando-se do que os outros escrevem. Como prosador, José Castilho é dos nossos melhores escritores. Como talento de análise e como crítico, poucos o excedem.

Nas três cartas do Sr. José Castilho, a que nos referimos, há realmente argumentação, a que não nos parece que o Sr. Antero de Quental possa responder com vantagem. Imparcialmente o dizemos.

Acabamos de ler as primeiras quatro cartas do Sr. José Feliciano de Castilho quando nos foi oferecido um folheto sob o título: *Carta ao Ex.^{mo} Sr. Manuel Pinheiro Chagas pelo seu estapafúrdio admirador Costa Gooldofim*. É um novo grito de revolta contra a tirania, mas em estilo satírico.

O Sr. Manuel Pinheiro Chagas é um grande talento, mas nem sempre modesto. Não está bem realmente a um escritor novel querer já esmagar os talentos nascentes. Os conselhos do Sr. Castilho podem torná-lo alvo de alguma cruzada de escritores independentes e de mau humor, que não estejam resolvidos a sofrer um abuso semelhante de epigramas como o que se nota nas críticas do Sr. Chagas.

O caso é que o Sr. Costa Gooldofim *revirou o dente*, e também se rebelou contra a *sociedade de admiração mútua*. Longe de nós o condenar este espírito de revolta contra a tirania. Revela ele independência, dignidade, e sobretudo respeitoso culto à deusa liberdade.

Satan



16 DE ABRIL DE 1866 — Carta de Castilho a Pedro Dinis para lhe agradecer o seu folheto *A Imprensa na Gaiola*. Pelo tom da carta se depreende que Castilho já mais de uma vez apelara para Pedro Dinis no seu afã de congregar uma acção contra os Coimbrões. Na verdade, o nome deste autor encontrava-se incluído na lista dos defensores enumerados por Castilho numa sua carta de 10 de Dezembro de 1865. (V. «Textos Adicionais», 1.º vol., p. 450.)

Bom e Ex.^{mo} Amigo:

Verdade é que V. Ex.^a não responde às minhas cartas, e que ninguém se deleita a falar só, a não ser nos melodramas e tragédias; entretanto sempre vou tentando, porque V. Ex.^a ao menos se me não responde epistolarmente, faz coisa que o vale, ou vale ainda mais. Faz-me lembrar o que diz a Penélope, de Ovídio, a seu Ulisses: *não me respondas, mas vem*.

V. Ex.^a veio com efeito, e veio com aquela bizarria com que sempre costuma aparecer.

O seu folheto *A Imprensa na Gaiola* vingou-me, e ter-me-la satisfeito todas as ambições se eu ainda as tivesse; que em verdade já não tenho.

Quis lho agradecer logo, mas reflecti em que era melhor deter-me um pouco mais à escuta do que se diria ao público acerca deste opúsculo tão notável pela invenção como pela delicadeza curiosíssima do lavor, a fim de poder relatar-lhe a impressão que ele produzia nos ânimos, coisa que para um autor nunca é indifferente.

Saiba pois, antes de tudo, que estas poucas páginas da *Imprensa na Gaiola* ainda não receberam, que me conste, outra arguição senão a de serem poucas. Está tudo ansioso pela continuação, e eu sou dos primeiros em tal impaciência.

Diziam-me que V. Ex.^a, abusando do seu privilégio de doente imaginário, vivia herméticamente entre quatro paredes na sua Rua da Glória, sem que o nome dela que lhe alvejava na esquina, e que tanto lhe devia negacear, o despertasse para continuar a granjeá-la, como tão bem havia começado. Vejo porém que o seu espirito se conserva com todo o fogo e brilho que sempre teve, e que a sua inacção, posto que excessivamente prolongada, significava tão pouco a respeito de forças e ânimo como a de Aquiles entre as lonas da barraca.

O autor das *Folhas Caídas Apanhadas a Dente* reaparece com o mesmo vigor e graça, com a mesma destreza e elegância, neste novo torneio literário.

Esta é a opinião de todos, e esta é a minha também.

Eu a ninguém tenho comunicado o segredo que V. Ex.^a por via do meu filho Júlio me transmitiu. Quando se pergunta quem é o autor da *Imprensa na Gaiola*, faço coro com os curiosos, e nem por descuido calo em deixar suspeitar que o conheço; não obstante, todos põem logo a boca em V. Ex.^a: não só conjecturam a verdade, afirmam-na, como se a tivessem colhido no seu trabalho. Não é deles a culpa, nem também vejo muito porque se, gabem de bons furdões. Entre nós não há dois poetas que pudessem escrever aquillo. O chiste daquelle poema é todo exclusivamente seu. Quando se quizer incumbir de autorias, só tem um meio para o conseguir: é não escrever de todo em todo, coisa de que Deus nos livre, por honra das nossas letras e por crédito de V. Ex.^a mesmo.

Continue pois a regalar-nos nas suas horas vagas. Em fazer versos assim, emprega-as muito melhor do que a jogar o do-

minó com estafermos no botequim do Suíço, onde o Júlio Caldas me afirmou que V. Ex.^a costuma agora seroar.

Faça-o embora se carece de se espalreecer; os botequins são o alívio de tristes do nosso tempo; e um génio observador como o de V. Ex.^a, e tão capaz de fazer a boa sátira, não perde por certo os momentos em que honra com a sua presença a essas espirituosas academias dos *singulares*.

Receba um bom abraço do seu muito em verdade admirador e amigo velho.

A. F. C.

Lisboa, 16 de Abril de 1866.



21 DE ABRIL DE 1866 — Neste folhetim *Satan* refere-se elogiosamente ao opúsculo de Eduardo Vidal, dirigindo depois uma acerba crítica a Brito Aranha e a A. F. de Castilho pelas cartas que mutuamente se dirigiram.

A LITERATURA EM BARULHO

XXIV

*«Bon Dieu! Que ne peut-on applaudir
à tout rompre!»*

(Le Marquis de Champcenetz)

Dos *Guelfos e Gibelinos* do Sr. E. A. Vidal não podemos falar senão com elogios. É um escrito sério, sensato e digno em todo o sentido. Essa tentativa crítica do Sr. Vidal sobre a actual polémica literária veio convencer-nos de que não deve haver dúvida alguma em colocar o jovem escritor, e ilustre poeta, na galeria das celebridades literárias da época. No seu opúsculo, o Sr. Vidal não se esqueceu uma só vez de ser modesto, e de ser justo. A modéstia e a rectidão no escrever estão sempre bem a um escritor.

Pena é que o Sr. Brito Aranha não o imitasse na sua carta ao Sr. A. F. de Castilho, e que não possamos aplaudir o Sr. Aranha, como fizemos a respeito da produção do autor das *Folhas Soltas*.

Com que imodéstia o Sr. Aranha se diz constrangido a entrar na polémica, *por deveres do officio!* Qual officio? Com que imodéstia o Sr. Aranha diz que não costuma ocultar o seu voto em *assuntos Mierários!* Quais são os títulos do Sr. Aranha, para se arvorar em crítico severo de talentos superiores como os de Teófilo Braga, Antero de Quental e Ramalho Ortigão? Quando é que o Sr. B. Aranha será capaz de escrever como escreve Elmano da Cunha, o brilhante escritor da *Filha do Deserto?* Que quer dizer o Sr. Aranha quando fala *em um tal Elmano da Cunha?* Este *tal* Elmano da Cunha tem habilitações literárias e títulos que pode apresentar. Quais são os títulos desse crítico severo, que se chama B. Aranha? Serão o de fazer um folheto ou dois, e vendê-los a tostão? Pois, meu amigo, lembre-se do que escreveu Lopes de Mendonça: «A Arte não se acomoda com a avidez do ganho.» E talvez por isso que o Sr. Aranha escreveu um folheto tão sensaborão.

Repetimos que, tendo sempre simpatizado pessoalmente com o Sr. B. Aranha, sentimos não poder hoje aplaudir freneticamente a sua carta ao *mestre* de Tibur. Mas é impossível, não vemos nessa carta senão um excessivo amor-próprio da parte do Sr. Aranha, e um certo servilismo para com o Sr. Castilho. No que o Sr. Aranha incontestavelmente provou habilidade foi em combinar as suas baforadas de amor-próprio com a sua subserviência a Tibur.

Mas a carta do Sr. Brito Aranha levou o Sr. A. F. de Castilho a brigar pela terceira vez, em desprezo da declaração que fizera na crítica do *Poema da Mocidade*.

Nova carta do papa! Desta vez começou por obrigar o Sr. Brito Aranha a dar beija-mão. O Sr. D. Pedro V, rei liberal, aboliu esta cerimónia, e reduziu a coisa a um simples cumprimento de cabeça. Mas o Sr. Castilho quer o ritual antigo, e está tão ferido, na questão literária, que todos os elogios lhe servem, tenha ou não autoridade na república das letras. O que S. Ex.^a quer, o que pede, o que suplica, é muitos folhetos que digam bem dele. É uma mania como qualquer outra. O Sr. B. Aranha serviu-o, e o papa obrigou-o a assentar-se num trono, e a dar-lhe beija-mão! Pleguices! Sempre pleguices!

Este contentamento do Sr. Castilho, quando alguém o elogia, dá-nos a entender que S. Ex.^a não está tão seguro como era para desejar sobre a sua superioridade literária. O barão de Holbach escreveu: «*Les vrais talents sont tranquilles sur leurs*

droits. Un amour propre inquiet, un orgueil insensé, une hauteur peu raisonnée annoncent de la faiblesse et de la défiance de son propre mérite.»

Nesta carta do Sr. A. F. de Castilho continua S. Ex.^a a escrever no estilo da *Tosquia Dum Camelo*. Nenhuma argumentação, e muitas injúrias e insultos.

Na mesma carta do Sr. Castilho dá-se notícia de coisas que só ele sabe. Diz que Rebelo da Silva é de opinião que o Sr. Castilho é um *poeta inventor*! E nós sustentamos que o Sr. Rebelo da Silva tem a opinião do Sr. Lopes de Mendonça, que era exactamente a de que o Sr. A. F. de Castilho não é um *poeta inventor*.

Diz também o Sr. A. F. de Castilho, na sua carta ao Sr. B. Aranha, que Ricardo Guimarães e Bulhão Pato são de opinião que S. Ex.^a é um *poeta inventor*. Pode ser, mas ainda não vimos isso em letra redonda, sancionado pela assinatura dos dois illustres escritores.

A data da carta do Sr. Castilho é de 15 de Janeiro do corrente ano. Diz nela o *regenerador do Prolito*, que o folheto do Sr. Camilo Castelo Branco acabava com a polémica entre Tibur e a escola da liberdade em literatura.

Enganou-se o *padre-mestre*. Estamos em Abril e a polémica continua, e o Sr. Castilho ainda não viu enterrar os tais mortos que havia de fazer o folheto de Camilo Castelo Branco, com as suas razões e autoridade. Em questões de gosto não há autoridade. Mesmo nas de estilo as não pode haver. Um illustre crítico de França, disse não há muito: «*On ne sait pas ce que c'est que le style.*»

Para concluir, sobre o modo porque escreveu o Sr. A. F. de Castilho, nesta sua tentativa de *briga*, aí vai o final da carta ao Sr. Brito Aranha:

«Desculpe-me, meu amigo, estas *solturas de lingua*; mas se a gente não desabafar das *tolices* do próximo com as pessoas de juizo e amigos, *cria postema*, e era uma vez um martirizado!»

Pensa o Sr. A. F. de Castilho em passar à posteridade com as suas *solturas de lingua*? Lembre-se de José Agostinho de Macedo. O que não seria hoje respeitado José Agostinho se não tivesse quase sempre aplicado o seu grande talento às *solturas da lingua*, sem as quais o Sr. Castilho confessa que *cria postema*?

Satan



25 DE ABRIL DE 1866 — João Félix Rodrigues continua a análise dos folhetos da polémica. Cabe agora a vez ao de E. A. Salgado (*Literatura de Amanhã*), de G. F. (*Literatura Ramalhuda*), de Carlos Borges (*Pena e Espada*).

A LITERATURA EM BARULHO

XXV

*«Não me acusa a consciência, desde
que pego na pena, de ter condenado por
inveja, nem aplaudido por adulação.»*

(L. A. Rebelo da Silva)

Bom era que todos procedessem como procede uma das maiores glórias das letras pátrias, o Sr. Rebelo da Silva. Pela nossa parte, no que temos escrito não nos acusa a consciência de haver condenado por inveja nem aplaudido por adulação. Dizemos o que sentimos, sem recearmos os perigos de que fala Vaudin num dos seus mais excelentes escritos críticos.

Temos ainda a falar da *Literatura de Amanhã* do Sr. Eduardo A. Salgado. É um escrito regular, mas em parte inaceitável. É para lamentar que o Sr. Salgado ataque a liberdade de consciência de cada um. Neste século, cada um adora a Deus como entende, uma vez que respeite a liberdade religiosa dos outros. Deixe o Sr. Salgado pensar o Sr. A. de Quental como quiser em assuntos religiosos. A Inquisição acabou em 1820 em Portugal, e não volta. E a Carta não tolera que ninguém seja perseguido por motivos de religião. O racionalismo marcha já sem receio das torturas e das fogueiras.

Antero de Quental é agora acusado de impiedade. A acusação parte da escola-Castilho, escola que defende o restabelecimento dos frades. Não é novo o degenerar a guerra dos homens de letras, neste país, em questão de crenças religiosas. O nosso Damião de Góis foi suspeito de abraçar a reforma da Alemanha, e por isso denunciado por alguns rivais, chegando a sofrer perseguições.

Mas hoje já não é ocasião propícia para perseguir ninguém por motivos religiosos. E achamos de mau gosto dizerem, por um lado que o Sr. A. de Quental escreve coisas que se não percebem, e pelo outro compreenderam-no tão bem que até se julgaram autorizados a declarar impias as opiniões religiosas contidas nos seus escritos! Quando falam verdade é quando dizem não perceber os escritos do Sr. A. de Quental, ou quando o accusam de impiedade e declaram compreender as suas ideias nos tais livros tão censurados pelo mestre de Tibur? Expliquem-se; porque estão em manifesta contradição com si próprios.

O Sr. Eduardo A. Salgado, a propósito da questão literária, trouxe para o seu folheto, não só a questão religiosa, mas também a questão política de Espanha, e declara-se de acordo com as opiniões manifestadas pelo O'Donnell no senado espanhol.

Diz que D. Juan Prim fez uma revolta injustificável! Este Sr. Salgado, por mais que nos digam, é partidário dos *fuzilamentos* e da *inquisição*. Glória, pois, a Torquemada, a Soror Patrocinia e ao padre Claret!

Apareceu também em Coimbra um folheto intitulado *A Literatura Ramalhuda*, por G. F. É mais uma vertina do que uma apreciação justa do opúsculo do Sr. Ramalho Ortigão. Há neste folheto, porém, algumas observações irresponsáveis sobre o *Poema da Mocidade* do Sr. P. Chagas, e que provam que há grande abundância de puerilidades, e falta de inspiração, nesse livro de versos do Sr. P. Chagas.

O Sr. G. F. da *Literatura Ramalhuda* declara-se partidário do *método repentino*. Não sabíamos que esse illustre defunto ainda tinha quem falasse dele com tanto amor. Esse método caiu tanto em descrédito que, para vender os livrinhos, foi necessário inventar a *gramática nacional*, obrigando a aceitá-la nas escolas por três anos, com *exclusão de todas as gramáticas elementares legalmente aprovadas*. E quem comprar a *gramática nacional*, aprovada pelo Sr. Castilho, tem de comprar o *método repentino* do Sr. A. F. de Castilho. Talvez não soubessem disto? Pois nós o explicamos.

Na *gramática nacional* diz-se numa nota que, para os exercícios de prosódia, se há-de ver o *Método Português Castilho*, 4.^a edição.

E a este respeito escreveu o Sr. Joaquim Alves de Sousa o seguinte:

«De maneira que o aluno, julgando haver-se provido do compêndio de gramática portugueza só com os 160 réis taxados na portaria (30 de Dezembro de 1864), no fim acha-se enganado, porque tem de comprar também o *método*, dito *português*, do Sr. Castilho, vindo assim a *gramática nacional* a constar de 2 volumes, e não de um, como primeiro parecia.»

O autor da *gramática nacional* arranjou-a de modo que o aluno tivesse de comprar o *método* do Sr. Castilho. E o Sr. António F. de Castilho disse a respeito da *gramática nacional* o seguinte:

«Se o meu voto pode já ter algum peso nestas matérias, dir-vos-ei *com segurança*, que tenho esta pela *melhor gramática de quantas até hoje ao presente se escreveram para encaminhar os estudiosos da nossa língua.*»

Enquanto o Sr. Castilho falava assim, o Sr. Joaquim Alves de Sousa, num opúsculo de 122 páginas, demonstrou bem claramente que defeitos de todo o género deturpam a *gramática nacional*.

Devemos agora também falar no escrito *Pena e Espada*, do Sr. Carlos Borges. O Sr. Borges é uma segunda edição do Sr. Silva Túllo. Também nega a Garrett a coroa de nosso primeiro poeta contemporâneo, e dá-a, sem alegar razões, ao Sr. Castilho.

O Sr. Borges pertence ao *elogio mútuo*, e portanto escreveu um folheto de acordo com os estatutos da sociedade. Para os amigos mãos rotas, os sócios de Tlbur mereceram grandes elogios da parte do Sr. Carlos Borges. Houve, porém, um cavalheiro que foi menos bem tratado, quanto ao seu mérito oratório, não obstante os recentes elogios do *mestre*.

Diz o Sr. Carlos Borges:

«O Sr. Vieira de Castro saiu da Universidade com a falsa fama de um grande génio, entrou no Parlamento e aí pronunciou três ou quatro discursos muito estudadinhos; a plebe, que talvez nem mesmo entendesse o que o orador dizia, gritou logo: *Viva o novo Cícero!* Os que ouviram este grito repetiram-no, e assim o Sr. Vieira de Castro alcançou uma coroa que os seus amigos julgam imortal e que oxalá o menor sopro de vento não desfaça e destrua.

«Quais são esses monumentais discursos de Vieira de Castro? Quais as questões económicas que tem discutido no parlamento? Quais os improvisos em que conquistou o nome que José

Estêvão tão justamente alcançou? Em que se pode comparar com Rodrigo da Fonseca Magalhães e Sotto-Mayor?

«Temos meia dúzia de discursos do Sr. Vieira de Castro. Não vejo, porém, aí a veemência demostênica que neles enxergou o Sr. Ramalho. Veemência demostênica *não é injúria petulante com desfaçatez proferida contra o carácter individual de um ministro ou de um deputado*. O Sr. Vieira de Castro, pelo contrário, rasteja a sua inteligência pelo doesto grosseiro e pelas frases atrevidas e às vezes desonestas. Aquelas virulentas objurgatórias contra o último discurso do Sr. Duque de Loulé são os discursos que mais lhe elogiam, mas são eles que mais me justificam.»

Neste ponto a opinião do Sr. C. Borges parece-nos um pouco próxima da verdade. Talvez, porém, o Sr. Vieira de Castro se emende, e que, além de imagens e de ornatos elegantes, se resolva a falar, argumentando, opondo argumento a argumento, ideia a ideia, como devem fazer os bons oradores.

Satan



28 DE ABRIL DE 1866 — Neste folhetim *Satan* faz referência a *O Tiranete*, *Análise Crítica*, *Rápida*, etc., *Delenda Tibur*, *Verdadeira Luz Derramada*.

LITERATURA EM BARULHO

XXVI

Quem promoveu todo este barulho, que por aí tem ido pela literatura, foi o Sr. A. F. de Castilho, e ninguém mais. O Sr. Antero de Quental só salu a campo depois da provocação que o Sr. Castilho lhe fez na *Crítica do Poema da Mocidade* do Sr. Chagas.

Semeou ventos, colheu tempestades. Os folhetos de um lado e do outro são abundantes. Houve excessos e injustiças de parte a parte. Mas prestou todavia um grande serviço. Matou a infalibilidade do Sr. Castilho, e doravante S. Ex.^a há-de ser mais cauteloso, tanto no louvor como na censura.

Além dos folhetos, a que já temos alludido, publicou-se também *O Tiranete*, verrina em verso contra o Sr. Antero de Quental.

a propósito da sua pendência com o Sr. Ramalho Ortigão. O autor não prima na finura de espírito.

Depois d'O *Tiranete*, veio à luz a *Análise Crítica, Rápida, Despretensiosa feita ao Folheto Intitulado — Garrett, Herculano, Castilho — pelo Sacristão de uma Ermida*. É uma brilhante refutação do escrito do Sr. Osório de Vasconcelos.

Publicou-se depois a *Delenda Tibur, Carta Primeira aos Homens da Oigarra e do Ermo*. É uma verrina bem escrita, mas em que são injustamente agredidos alguns escritores que não pertencem, nem nunca pertenceram, à escola do *elogio mútuo*, como é o Sr. Bulhão Pato, de quem ao diante falaremos, e que tão mal apreciado é pelo autor da *Delenda Tibur*, como o são os Srs. Ricardo Guimarães, Andrade Ferreira e outros.

Temos ainda a falar de um opúsculo sobremaneira pretencioso, intitulado *Verdadeira Luz Derramada na Questão Literária e Supremo Remate a ela, em Prosa e Verso, pela Sombra de Cícero*.

Este escritor anónimo, vendo o mundo literário envolvido em luta árida e desgrenhada, teve a *rara modéstia* de pensar que derramaria verdadeira luz na questão literária e poria *supremo remate* a ela!

El no fim de contas não fez mais nem menos do que uma verrina contra todos e contra tudo. El deixou-nos de novo às escuras! El a questão continua a permanecer escura como breu.

Está deveras abaixo de toda a crítica o autor do opúsculo em questão. Quem será este novo papa, que decide *ex-cathedra* do merecimento de todo o que põe a pena no papel, seja em que género for, sejam quaisquer as condições em que haja apresentado o fruto do seu trabalho ao baptismo da Imprensa?

Antero de Quental e Teófilo Braga são declarados muito insignificantes, pelo *papa da Sombra de Cícero*! Pois se os trabalhos d'este último se limitam ao seu opúsculo, é nossa opinião que ele não foge também em boa verdade a ser por ora *muito insignificante*.

Só o Sr. Ernesto Biester mereceu, entre os escritores de terceira ordem, os elogios pomposos do novo papa literário! El Ricardo Guimarães, um dos nossos grandes talentos, esse descaiu da graça do *papa da Sombra de Cícero* e é alcunhado de *nullidade*! Bem diz o provérbio que a *ignorância é muito atrevida*.

Uma plausível resposta ao escritor anónimo:

Todas as horas consumidas em provar os disparates deste novo lutador são horas perdidas e inúteis.

O Sr. Francisco Gomes de Amorim na 2.^a edição do 1.^o volume dos seus versos, também no prefácio, falou da questão literária, a propósito de uma carta do Sr. A. F. de Castilho, que faz parte do citado volume de versos. *Anímus certus in re incerta cernitur*. Não queria o Sr. Amorim publicar a carta do Sr. Castilho, mas hoje que este vê a sua autoridade disputada pareceu ao autor dos *Cantos Matutinos* que a publicação dessa carta seria uma homenagem ao Sr. Castilho. Não lho levamos a mal.

O último opúsculo é do Sr. A. M. da Cunha Belém, intitulado *Horácios e Curídacios*. O Sr. Cunha Belém apresenta-se com pretensões a fazer pôr ponto na questão, indicando o tratamento da enfermidade. Nada adianta; mas assim mesmo aquele folheto revela que o Sr. Cunha Belém a escrever é outra coisa do que a falar. O seu discurso nos saraus do Colégio Artístico tinha deixado más impressões da sua inteligência.

Satan



5 DE MAIO DE 1866 — Este folheto de *A Literatura em Barulho* está praticamente à margem da polémica. A propósito de Bulhão Pato, o autor traça um panorama da situação portuguesa no quadro político internacional. Referimos na «Nota Final» a decisão de eliminarmos desta obra todos os folhetos que, embora citados nas bibliografias, não dissessem rigorosamente respeito à polémica. Como os leitores se recordam, o critério que nos orientou na apresentação dos «Textos Adicionais» foi um pouco diferente. Aqui acolhemos todos os textos que nos pareceram, como dissemos no 1.^o volume, «de importância para o esclarecimento crítico e ideológico da famosa controvérsia». Por tais razões incluímos este folheto nos «Textos Adicionais».

A LITTERATURA EM BARULHO

XXVII

«Os génios privilegiados são tão indulgentes, como intolerantes os soílos compelidos a censurar todos para enco-brirem seus defeitos.»

(D. Wenceslau Ayguals de Izco)

No Colégio Artístico Commercial, de que é director o distinto escritor Sr. José Maria de Andrade Ferreira, tiveram lugar, nos meses de Fevereiro e Março último, doze saraus literários, em que falaram os Srs. Rebelo da Silva, Jaime Moniz, Osório de Vasconcelos, Pinheiro Chagas, Acácio Caldeira, barão de Barcelinhos, Bulhão Pato, Cunha Belém, Sousa Lobo, Tomás Ribeiro, Ricardo Guimarães e A. F. de Castilho, os quais todos têm tratamento de Ex.^a, se o programa não mentiu. E se o programa não foi exacto nesse ponto, também não há que ralhar por isso, porque *quod abundat non nocet*.

Os saraus foram abertos no dia 20 de Fevereiro com uma brilhante introdução do Sr. Rebelo da Silva. Estes saraus do Colégio Artístico Commercial revelaram ao público a existência de mais um grande orador político. Sabia-se que Bulhão Pato é um grande talento e um primoroso poeta inventor. No dia 8 de Março último, depois do discurso do Sr. Bulhão Pato sobre *Garrett e a Revolução Liberal*, o público de Lisboa ficou sabendo que o autor da *Paqueta* é um orador político de grande força, e que, uma vez entrado no Parlamento, há-de ilustrar muito a nossa tribuna.

Durante mais de uma hora, Bulhão Pato soube ter em constante entusiasmo a parte mais esclarecida da sociedade de Lisboa, que corraera ao Colégio Artístico Commercial para assistir à estrela oratória do ilustre poeta. Os espiritos da assembleia estavam todos comovidos e como maravilhados de tamanha eloquência, onde a par da majestade e beleza das imagens se notava a grandeza das ideias, e uma mui brilhante filosofia da história. E que Bulhão Pato é incontestavelmente um talento colossal.

Estamos, porém, num país onde os analfabetos com facilidade ocupam uma cadeira em S. Bento, sendo ao mesmo tempo

difficil fazer ali entrar intelligências superiores e que podem honrar a tribuna portugueza. O povo é enganado ou corrompido pelas autoridades, e dá diplomas a quem os não merece por serviços ou talentos. E, para desviar as intelligências do Parlamento, militam também as pequenas misérias e as invejas mesquinhas, porque o meio, como diz Vitor Hugo, não comprehende o que lhe é superior, e é por isso sempre que, afóra as cinco ou seis excepções imensas que produzem o esplendor de um século, a admiração contemporânea é sempre míope.

Bem diz José Lavallée que afflige ver a Providência deter na sua carreira projectos fundados sobre a lealdade e grandeza de alma, e deixar triunfar intrigas cujo êxito muitas vezes não depende senão da astúcia e da venalidade. Parece que para a Providência não têm valia as virtudes humanas.

Bulhão Pato esboçou brilhantemente, a largos traços, a história política de Portugal de 1817 a 1834. Parou no vulto grandioso de José Mouzinho, desse homem que seguiu o preceito de Wenceslau Ayguals de Izco. *A boa intenção deve servir de égide à audácia.* Bulhão Pato apresentou José Mouzinho como o maior vulto da revolução liberal. E assim é. José Mouzinho, duque de Bragança e Passos Manuel são os três grandes reformadores deste país, depois da época do marquês de Pombal. José Mouzinho teve a audácia e o patriotismo sufficiente para destruir os grandes abusos. Pagaram-lhe com negra ingratitude. Ele mesmo o dá a entender no seu testamento, como o Sr. Bulhão Pato o fez ver à assembleia.

Custa sempre neste país o fazer justiça aos grandes reformadores. Hoje ainda não é tempo de fazer justiça ao duque de Loulé e a Joaquim Tomás Lobo de Ávila. Mas a posteridade há-de saber exaltar estes dois homens públicos que, com a abolição dos morgados e com a do monopólio do tabaco, realizaram uma grande revolução económica.

Para governar não basta o mérito. É preciso ter audácia para o bem, arcar com os abusos, não trepidar diante das reformas necessárias, e saber marchar na via do progresso. Isto fizeram José Mouzinho com os imortais decretos da Terceira, D. Pedro IV com a extinção dos frades, Passos Manuel com as leis de 1836, duque de Loulé e Joaquim Tomás Lobo de Ávila com a abolição dos morgados e do monopólio do tabaco.

Havemos de ter ainda outros grandes reformadores que acabem com os prazos, que realizem a desamortização dos bens de

mão morta, que matem o pariato hereditário, e que ponham um termo ao escândalo da escravatura das colónias.

Todas estas ideias de reformas têm sido iniciadas pela imprensa liberal do país, como o têm sido na Imprensa e no Parlamento a liberdade de cultos. Sem liberdade de cultos não há liberdade de consciência. E sem liberdade de consciência não há verdadeira liberdade política. Diz E. Laboulaye:

«Le citoyen doit à l'Etat l'obéissance civile jusqu'au sacrifice de sa vie, il ne lui doit pas le sacrifice de sa conscience et de sa raison.»

Bulhão Pato foi talvez injusto na apreciação que, no seu eloquentíssimo discurso, fez dos revolucionários de 1820. Bem sabemos que, em revolução, oito dias equivalem a anos, e que em revolução não deve haver meia audácia, e que há ocasiões em política em que a verdadeira grandeza de alma consiste em se fazer temer. Mas a verdade é que os homens de 1820 iniciaram a revolução liberal, e se sucumbiram na sua obra, foi isso devido, não a eles, mas à reacção europeia que matou a liberdade em Itália, e enviou o duque de Angoulême com 100 000 franceses a combater o liberalismo espanhol. A reacção de 1823, em Portugal, não foi filha dos desacertos dos homens de 24 de Agosto de 1820, foi consequência inevitável da aliança dos reis contra os povos.

Satan



5 DE MAIO DE 1866 — No *Jornal do Comércio*, Pinheiro Chagas junta a sua voz aos últimos ecos da polémica, que está realmente a declinar. A cadência dos folhetos diminuiu, na imprensa já não se fala no assunto e até na correspondência Castilho-Camilo se desvaneceu o interesse em falar nos Coimbrões.

(...)

Ora isto é triste. Isto é grave. Isto é um grande mal e uma grande injustiça, como dizia o Sr. Antero de Quental nesses remotos tempos em que andou travada neste nosso mundo literário uma célebre questão que o leitor já se não lembra nem eu. Isto é triste, repito. Tudo se vai dissipando nas brumas destes horizontes, que tão rapidamente mudam no caminhar febril do nosso século. O homem não vive só de pão, disse Jesus Cristo,

o homem não vive só de contratos Debrousse, dizemos nós. É necessário também que a Natureza não conspire contra a Humanidade. Reclamo a Primavera, quero a Primavera, aqui d'el-rei que mobilizaram a Primavera, amortizaram a Primavera, hipotecaram a Primavera, reduziram-na a acções, sujeitaram-na às conservatórias, não sei o que lhe fizeram, enfim; mas a Primavera pôs-se a andar, foi-se, desapareceu.

(...)

Pinheiro Chagas



10 DE MAIO DE 1866 — Penúltimo folhetim da série *A Literatura em Barulho*. Satan trata nele das personalidades de Bulhão Pato e Tomás Ribeiro.

A LITERATURA EM BARULHO

XXVIII

*«L'infalibilité n'est point la liberté,
mais une suprématie illimitée.»*

Tratando da questão literária, referimo-nos ao discurso do Sr. Bulhão Pato no Colégio Artístico Comercial, porque o distinto poeta aludiu ao Sr. A. F. de Castilho, e aos que combatem a infalibilidade de Tibur.

Na *Crítica Literária do Poema da Mocidade* do Sr. M. P. Chagas, incontestavelmente ninguém foi mais injusta e cruelmente ofendido do que o Sr. Bulhão Pato, como aquele que melhor podia desempenhar as funções de professor de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras; quando todos sabiam que o Sr. Pato estava resolvido a ir ao concurso, saiu o Sr. Castilho a recomendar um outro indivíduo para essa cadeira!

O Sr. Bulhão Pato respondeu a este procedimento do Sr. Castilho com uma generosidade que prova bem a sua grandeza de alma e a imensa bondade do seu coração. No discurso pronunciado, no dia 10 de Março último, no Colégio Artístico Comercial, o Sr. Bulhão Pato, aludindo ao barulho que aí vai entre a literatura, não teve senão palavras de benevolência para o Sr. A. F.

de Castilho. Não o censuramos por isso. Arcide Dusolier diz: *«L'indulgence est la bonté de l'esprit.»*

Oxalá que a lição aproveitasse a Tibur, e que lá se convençam da verdade das seguintes linhas escritas pelo Sr. António Borges Cardoso de Figueiredo: «Entre a literatura e a virtude existe uma íntima aliança: sendo aquela o belo ideal do mundo intelectual, e esta a do mundo moral.»

Em Tibur notou-se sempre a ausência do instinto das grandes conveniências, coisa que nem o tempo dá nem o próprio estudo concede, como Lamartine sustenta. Mas a verdade é, como bem diz A. Jendy-Dugour, que *«les préceptes de la morale sont si faibles auprès des passions!»*

Desculpe-nos Tibur de lhe falarmos com esta franqueza. Mas ela está no nosso carácter. E em Tibur não se costuma poupar ninguém, com excepção dos sócios da *admiração mútua*. Nem a Camões se perdoou! Mas, se Garrett fosse vivo, diria da *Conversação Preamble* o que disse das verrinas de José Agostinho contra Camões: «A posteridade não perdoará decerto ao bem conhecido padre José Agostinho de Macedo a sua estulta rivalidade com o autor d'*Os Lusitadas*.»

Garrett é o autor dos seguintes versos:

*Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.*

Comparem-se estes versos do imortal Garrett com a verrina do Sr. Castilho contra Camões, na *Conversação Preamble* ao D. Jaime de Tomás Ribeiro.

Como falamos no Sr. Tomás Ribeiro, não será fora de propósito aludir também ao seu discurso acerca da *poesia popular e o seu influxo na educação*, pronunciado no sarau literário do Colégio Artístico Comercial na noite de 13 de Março do corrente ano.

■ Tomás Ribeiro um moço de talento mas a quem Tibur e o campanário têm altamente prejudicado na sua reputação literária e política. Agarrado à infalibilidade de Tibur, o jovem poeta quase que se esterilizou para as letras. O homem de letras não pode estar sujeito a supremacias literárias, nem escravizar-se a infalibilidades humanas. Não há liberdade onde há pensamento de infalibilidade. Sujeito às exigências de campanário, a liber-

dade e o progresso não podem também nada esperar do talento de Tomás Ribeiro.

No Parlamento, Tomás Ribeiro combate a desamortização e o casamento civil, para agradar ao campanário. Acima da ideia, acima dos princípios, parece que o jovem poeta coloca o interesse do campanário, porque ao campanário as irmandades e o clero dão votos. O deputado político, o homem da geração nova ofusca-se diante do candidato futuro, que não quer desagradar às irmandades e confrarias do seu campanário. É triste, mas está sendo vulgar. A lei dos círculos de um deputado dificilmente dá deputados políticos. É o deputado, puramente de campanário, é estéril para o progresso e para a liberdade do País.

No Colégio Artístico Comercial, o Sr. Tomás Ribeiro falou como homem do século passado, e em estilo de José Acúrsio das Neves. Não parecia um rapaz do século XIX. Sua oração foi mais a apologia da reacção do que outra coisa. Esteve de acordo com o seu procedimento na comissão de legislação com respeito ao casamento civil.

O Sr. José Maria de Andrade Ferreira é digno dos maiores elogios, por ter promovido no excelente colégio, de que é director, os saraus literários. A estes saraus se deve a brilhante estrela oratória de Bulhão Pato.

Satan



17 DE MAIO DE 1866 — Último folhetim de Félix Rodrigues. Continua a análise dos discursos pronunciados nos saraus literários do Colégio Artístico Comercial. No fim acrescenta um *Catálogo Cronológico dos Opúsculos Publicados* sobre a questão literária. A lista não é completa e estranhamente refere o opúsculo de Costa Gooldofim que, como atrás se disse, não consideramos dever ser incluso na polémica. Cremos que esta bibliografia, como explicamos na «Nota Explicativa» ao 2.º volume, deve ter servido de fundamento a bibliografias posteriores que avolumaram as suas inexactidões.

A LITTERATURA EM BARULHO

XXIX

«Os que em cada vocação sonham ver um rival, e para escurecerem os próprios defeitos assoalham sem cerimónia os inventos da calúnia, esses lamento-os.»

(J. M. Pereira Rodrigues)

Os saraus literários do Colégio Artístico Commercial revelaram, além de Bulhão Pato, um outro talento oratório, o de M. Pinheiro Chagas. Nas noites de 27 de Fevereiro e de 17 de Março do corrente ano, orou ali o Sr. M. Pinheiro Chagas, e mostrou-se orador fácil e correcto. Não é um orador tão brilhante como Bulhão Pato, mas tem grandes dotes oratórios e uma eloquência apreciável.

O seu primeiro discurso sobre a crítica corroborou-nos na opinião de que o jovem escritor, dentro em pouco tempo, será um crítico consumado, principalmente se se despir de todas as paixões, e se, entregando-se exclusivamente às suas inspirações e ao seu bom senso, se desprender dos conselhos de Tibur.

Façamos justiça ao Sr. Pinheiro Chagas. É ele um dos maiores talentos da geração nova. Negá-lo só o pode fazer a inveja ou a ignorância. É preciso, como diz o Sr. Pereira Rodrigues, lamentar os que em cada vocação sonham ver um rival e, para escurecerem os próprios defeitos, assoalham sem cerimónia os inventos da calúnia.

No discurso de 17 de Março, o Sr. M. Pinheiro Chagas foi substituir o Sr. J. C. Vieira de Castro, que negócios particulares obrigaram dias antes a sair desta capital. O Sr. Chagas orou pouco nessa noite, mas brilhantemente.

O programa não falava num discurso do Sr. A. F. de Castilho, mas o papa reconciliou-se, segundo se diz, com o Sr. Andrade Ferreira, para ir ao último sarau, e chegado lá falou em verso e em prosa. Falou do método repentino, e lamentou que não tivéssemos poetas políticos. Houve palmas, e tudo o mais que se usava nas festas preparadas outrora pelo Sr. A. F. de Castilho.

O Sr. barão de Barcelinhos fez uma brilhante prelecção sobre direito criminal, no sarau de 3 de Março. O Sr. Sousa Lobo mostrou-se um profundo filósofo, no sarau de 10 de Março, discursando acerca da ideia de Deus. E o Sr. Ricardo Guimarães,

um dos nossos primorosos escritores políticos, sustentou com brilhantismo de palavra, no sarau de 15 de Março, a necessidade de introduzir o conhecimento das instituições políticas nas primeiras noções do ensino.

Ao findar este nosso trabalho, devemos pedir desculpa aos leitores da extensão do nosso trabalho. Bem sabemos que as *maçadas* estão proibidas, mas enfim contamos com a benevolência dos leitores.

Por último aí vai o:

CATÁLOGO CRONOLÓGICO DOS OPÚSCULOS PUBLICADOS até hoje, sobre a actual questão literária:

- 1.º — *Carta do Sr. A. F. de Castilho ao Editor A. M. Pereira sobre o Poema da Mocidade*, do Sr. M. Pinheiro Chagas.
- 2.º — *Bom Senso e Bom Gosto*, carta do Sr. Antero de Quental ao Ex.^{mo} Sr. A. F. de Castilho.
- 3.º — *Bom Senso e Bom Gosto*, folhetim do Sr. Pinheiro Chagas a propósito da carta ao Sr. A. de Quental.
- 4.º — *Bom Senso e Bom Gosto*, resposta do Sr. Manuel Roussado à carta do Sr. A. de Quental.
- 5.º — *Carta de Elmano da Cunha a outra Bom Senso e Bom Gosto* dirigida pelo Sr. A. de Quental ao Sr. A. F. de Castilho.
- 6.º — *O Sr. A. F. de Castilho e o Sr. A. de Quental*, por Júlio Castilho.
- 7.º — *As Teocracias Literárias*, por Teófilo Braga.
- 8.º — *A Dignidade das Letras e as Literaturas Officiais*, por A. de Quental.
- 9.º — *Lisboa, Coimbra e Porto e a Questão Literária*, por Rui de Porto-Carrero.
- 10.º — *Os Literatos em Lisboa*, poemeto por A. Ferreira de Freitas, illustrado por Jerónimo da Silva Motta.
- 11.º — *O Mau Senso e o Mau Gosto*, de Amaro Mendes Gaveta.
- 12.º — *Carta de Boas-Festas a Manuel Roussado*, por S. de A.
- 13.º — *Literatura de Hoje*, por J. D. Ramalho Ortigão.
- 14.º — *Vaidades Irritadas e Irritantes*, por Camilo Castelo Branco.
- 15.º — *Castilho e Quental*, por Augusto Malheiro Dias.
- 16.º — *Questão de Palheiro*, por Urbano Loureiro.
- 17.º — *Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*, pelo Eremita do Chiado.
- 18.º — *A Literatura Ramalhuda*, por G. F.